

+

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EX-
TENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊN-
CIAS E BIOLOGIA

FELIPE DOS SANTOS RIBEIRO

A TRANSEXUALIDADE ATRAVÉS DOS FILMES A GA-
ROTA DINAMARQUESA E EL(A): Sequências didáticas para o
Ensino de Ciências e Biologia

Rio de Janeiro

2024

Felipe dos Santos Ribeiro

**A TRANSEXUALIDADE ATRAVÉS DOS FILMES A GAROTA DINAMARQUESA E
EL(A): Sequências didáticas para o Ensino de Ciências e Biologia**

Produto Educacional de Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Ciências e Biologia vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências e Biologia.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme de Rezende Dias

Rio de Janeiro

2024

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R484 Ribeiro, Felipe dos Santos

A transexualidade através dos filmes A Garota Dinamarquesa e El(a):
sequências didáticas para o Ensino de Ciências e Biologia / Felipe dos
Santos Ribeiro. - Rio de Janeiro, 2024.

63 p.

Produto Educacional de Especialização apresentado como Trabalho
de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências e
Biologia) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura.

Orientador: Guilherme de Rezende Dias.

1. Biologia (Ensino médio) - Estudo e ensino. 2. Transexualidade. 3.
Diversidade sexual. 4. Sexualidade. I. Dias, Guilherme de Rezende. II.
Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 570

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7: 5692.

Felipe dos Santos Ribeiro

**A TRANSEXUALIDADE ATRAVÉS DOS FILMES A GAROTA DINAMARQUESA E
EL(A): Sequências didáticas para o Ensino de Ciências e Biologia**

Produto Educacional de Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Ciências e Biologia vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Ciências e Biologia.

Aprovado em 22 de novembro de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Guilherme de Rezende Dias
Colégio Pedro II
Orientador

Prof. Dra. Christiane Coelho Santos
Colégio Pedro II

Profa. Dra. Aline Silva Machado
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2024

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é fruto das minhas inquietações, das minhas vivências enquanto homem gay em uma sociedade que tenta nos invisibilizar diariamente. Gostaria de começar reforçando então a força que sempre tive que ter em minha vida tanto na escola quanto na Graduação para conseguir chegar até aqui, foi um caminho árduo e muitas vezes tortuoso, mas que bom que não desisti e este é apenas mais um passo da minha trajetória, e tenho certeza de que muitas outras vitórias virão.

Não poderia deixar de agradecer a Deus por seu eterno amor e generosidade e por ter segurado a minha mão nos momentos de fragilidade, medo e insegurança. Agradecer também a minha mãe, a minha irmã e o meu namorado, as três pessoas mais importantes da minha vida e que eu mais amo, por sempre estarem ao meu lado e terem sido fontes de apoio e inspiração incondicional para mim.

Agradeço ao Guilherme, meu orientador, por ter aceitado a minha ideia logo quando eu o apresentei a minha proposta, me fazendo acreditar na potencialidade do meu trabalho, por todas as contribuições e por ser uma inspiração para mim como pessoa e como profissional.

Agradeço também a todos os professores da EECB do Colégio Pedro II por todas as aulas maravilhosas, trocas e aprendizados ao longo desse período, sem dúvidas eu encerro esse ciclo sendo uma pessoa e um profissional melhor. Agradeço também a todos os funcionários da Pós - Graduação e dos funcionários do Colégio Pedro II por todo o apoio e por tornar possível a realização desta especialização.

Agradeço a todos os meus companheiros de turma, por todos os momentos incríveis que vivenciamos todas as sextas-feiras, todas as trocas, conversas, e confraternizações que levarei para toda a minha vida.

E por fim prestar uma homenagem a todos os meus alunos e alunas LGBTQIA+, é por vocês e para vocês que desenvolvo esse trabalho. Espero que um dia a escola se torne um lugar de acolhimento, paz e segurança para todos e todas.

“Quando as pessoas superarem o preconceito, praticarem a empatia e o respeito ao próximo independentemente de qualquer fator, talvez o mundo seja um lugar melhor, as pessoas mais evoluídas e as relações sociais um pouco mais humanas”.

(Iedda Carolina, não publicado)

RESUMO

RIBEIRO, Felipe dos Santos. **A Transexualidade através dos filmes A Garota Dinamarquesa e El(a)**: sequências didáticas para o ensino de Ciências e Biologia. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências e Biologia) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2024.

Alguns assuntos ainda são considerados tabus nas escolas, e por isso são pouco abordados. Um desses assuntos é a diversidade sexual, um conceito amplo que se refere a diversos aspectos da expressão da sexualidade, como o sexo biológico, a identidade de gênero, a expressão de gênero e a orientação sexual. Dentro das discussões sobre diversidade sexual nas escolas, a transexualidade, que está relacionada ao entendimento da identidade de gênero do indivíduo, é frequentemente invisível, e pessoas trans não têm garantidos direitos, como o uso do nome social e de banheiros adequados, além de serem alvos frequentes de manifestações transfóbicas. Essa invisibilidade se faz presente também nas aulas de Ciências e Biologia, seja na abordagem docente, em materiais (como os livros didáticos) ou em documentos e diretrizes oficiais. No geral, a sexualidade humana, abordada em aulas dessas disciplinas, ainda é pautada em aspectos unicamente biológicos, e a ausência da abordagem e do respeito às pessoas trans contribui para os altos índices de expulsão escolar dessa população. Dentre as justificativas para a ausência da abordagem desse tema estão a falta de materiais e formação docente adequada, que fazem com que muitos professores se sintam despreparados para lidar com o assunto. Os filmes podem ser recursos eficazes para contornar esse desafio, pois podem promover elucidação e contextualização e gerar debates. Sendo assim, este trabalho visa apresentar duas sequências didáticas para a abordagem da transexualidade em aulas de Ciências e Biologia, uma no Ensino Fundamental e uma no Ensino Médio, utilizando, respectivamente, os filmes “El(a)” (“*Il est Elle*”, 2020) e “A Garota Dinamarquesa” (“*The Danish Girl*”, 2015). Essas sequências didáticas são passíveis de modificações de acordo com as características das turmas e disponibilidade de materiais, e seu objetivo é trabalhar a transexualidade, para construir conhecimento e gerar debates com os discentes dessas disciplinas.

Palavras - chave: transexualidade; diversidade sexual; sexualidade; ensino.

ABSTRACT

RIBEIRO, Felipe dos Santos. **A Transexualidade através dos filmes A Garota Dinamarquesa e El(a)**: sequências didáticas para o ensino de Ciências e Biologia. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências e Biologia) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2024.

Some subjects are still considered taboo in schools and are therefore not addressed. Sexual diversity is one of these subjects and involves a broad concept that refers to biological sex, gender identity, gender expression, and sexual orientation. Sexual diversity, therefore, is related to the different forms of expression of human sexuality, manifested by aspects that are not solely biological. Within the spectrum of sexual diversity, transsexuality, a topic that corresponds to the understanding of the individual's gender identity, is an invisible subject in schools. Besides the subject not being addressed, trans people's rights, such as the use of social names and appropriate bathrooms, are frequently not assured in these spaces, and this population is a constant subject of transphobic manifestations. This invisibility is also present in Science and Biology classes, whether in teaching approaches, official documents and guidelines, or materials such as textbooks. Human sexuality, in general, is still addressed only on its biological aspect, and the lack of discussions about trans people in schools contributes to high rates of school expulsion of this population. Among the justifications for not dealing with transsexuality in Science and Biology classes, teachers mention the lack of materials and adequate training, which makes them feel unprepared to do so. Movies can be important resources for this challenge because they promote elucidation, contextualization, and debate. This work presents two didactic sequences for approaching transsexuality in Science and Biology classes, one for Elementary and one for High School, using the movies "*Il est Elle*" (2020) and "The Danish Girl" (2015). These didactic sequences are prone to modification according to the characteristics of the classes and the availability of materials. They aim to approach transsexuality to help build knowledge and generate debate among Science and Biology students.

Keywords: transsexuality; sexual diversity; sexuality; teaching.

LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

Figura 1 – Dados referentes à morte da população LBTQIA+ no Brasil entre os anos de 2000 e 2022.....	15
Figura 2 – Os temas Transversais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais	18
Figura 3 – Dados representativos sobre as modalidades da transfobia em escolas brasileiras.....	21
Figura 4 – Dados representativos sobre os praticantes de transfobia em escolas brasileiras.....	21
Figura 5 – Os temas Contemporâneos Transversais presentes na BNCC.....	26
Figura 6 – Cartaz do filme El(a).	36
Figura 7 – Cartaz do filme A Garota Dinamarquesa	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+ – Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, +.

GLS – Gays, lésbicas e simpatizantes.

LGBT – Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis.

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis.

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis.

CID-10 – Classificação Internacional de Doenças.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

LGBTQIA+fobia – Diversas manifestações de violência sofridas por essa população.

GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS E JUSTIFICATIVAS	12
2.1.	Objetivo Geral	12
2.2.	Objetivos Específicos	12
2.3.	Justificativa	12
3.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	13
3.1.	A Transexualidade e os desafios na sociedade contemporânea	13
3.2.	A Transexualidade e a Educação	16
3.3.	Possibilidades para a Transexualidade e a Educação	22
3.4.	A Transexualidade em aulas de Ciências e Biologia	23
3.5.	Os livros didáticos de Ciências e Biologia	28
3.6.	Os filmes em aulas de Ciências e Biologia	32
3.7.	A Transexualidade através dos filmes	35
4	DESENVOLVIMENTO	38
5	CONCLUSÃO	46
	REFERÊNCIAS	47
	APÊNDICE A – PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA	54
	APÊNDICE B – CIENTISTAS TRANS QUE REVOLUCIONARAM A CIÊNCIA	58
	APÊNDICE C – A VISIBILIDADE TRANS NO BRASIL	60
	APÊNDICE D – TRANSFAKE E REPRESENTATIVIDADE TRANS	62
	APÊNDICE E – TRANSFORMANDO AS ARTES	63

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Ciências e Biologia muitas vezes é visto como um ensino baseado na memorização e aquisição descontextualizada de conteúdos, o que acarreta múltiplas dificuldades de ensino e aprendizagem. Segundo Pietrocola (2004), os alunos não conseguem conceber os conteúdos científicos para além das palavras e símbolos utilizados.

Além disso, alguns assuntos como: drogas, aborto, doenças, gênero e sexualidade ainda são tidos como tabus e trabalhados apenas sob um viés biológico e não relacionado a aspectos sociais. Frequentemente, por pressão da sociedade, das famílias e da escola, professores sentem-se despreparados para abordar esses assuntos e por medo de represálias, optam por não fazê-lo.

A Diversidade Sexual é um desses assuntos tabus, e muitas vezes acaba ficando à margem de discussões e abordagens mais amplas na escola. Isso está relacionado ao despreparo de professores para abordar essas questões, ausência de materiais adequados, pressões externas à escola, entre outros (Silva, 2013). Dessa forma, para que o professor aborde a questão da Diversidade Sexual em aulas de Ciências e Biologia, é necessário que ele utilize recursos e metodologias adequadas para que o ensino possa ser interessante, estimulante, contextualizado, representativo e significativo.

Um dos recursos que pode ser utilizado para abordar essa temática são os filmes. Segundo Castro (2018, p.18): “O cinema em sala de aula impulsiona professores e alunos a saírem de seus territórios típicos, a enfrentarem o novo e questionarem conceitos arraigados, com curiosidade e imaginação, redefinindo suas visões de mundo [...]”.

Baseado nisso, este trabalho propõe um Produto Educacional que usa os filmes como recurso para a inserção, em aulas de Ciências e Biologia, da temática Diversidade Sexual, com foco na população transexual. Esse material poderá auxiliar professores que almejam trabalhar esse assunto tão atual e importante, já que na escola existe um público de pré-adolescentes/adolescentes, que são diversos e estão em conflitos internos e externos em suas descobertas. Além disso, ele contribuirá para que as disciplinas de Ciências e Biologia sejam um lugar privilegiado de discussão e equidade e não um lugar de exclusão da população LGBTQIA+.

2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

2.1. Objetivo Geral

Elaborar duas sequências didáticas, uma para o Ensino Fundamental e uma para o Ensino Médio, para abordar a temática da transexualidade em aulas de Ciências e Biologia, utilizando filmes como recurso pedagógico central.

2.2. Objetivos Específicos

- Discutir a Diversidade Sexual, com o foco na população transexual e seus desafios na sociedade contemporânea;
- Analisar como a transexualidade é abordada na Educação, em relação às possibilidades e desafios encontrados;
- Investigar como a transexualidade é abordada em livros didáticos e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Ciências e Biologia;
- Mostrar como os filmes podem representar uma possibilidade pedagógica para abordar a transexualidade em aulas de Ciências e Biologia.

2.3. Justificativa

Ainda nos dias de hoje, é comum alunos ouvirem nos corredores das escolas diversos xingamentos, como “viado”, “sapatão” e “traveco”. Infelizmente, conviver com rotinas de ofensas é quase uma certeza para o público LGBTQIA+. Eu, Felipe, homem cis, gay, tive que lidar durante praticamente toda a vida escolar com ofensas, medo, ansiedade e baixa autoestima resultantes dessa violência que, na maioria das vezes, é tida como “piada”, por já estar naturalizada na nossa sociedade.

Um jovem passa mais da metade da sua juventude na escola, e por isso esse espaço deve ser um local de acolhimento e respeito para todos. Portanto, este trabalho justifica-se por representar uma proposta pedagógica que usa filmes para, nas aulas de Ciências e Biologia trabalhar o tema Diversidade Sexual, com enfoque na transexualidade.

3. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA-TEÓRICA

3.1 A Transexualidade e os desafios na Sociedade Contemporânea

De acordo com uma das definições para a palavra diversidade, ela se refere à: “característica ou estado do que é diverso, diferente [...]” (Ferreira, 2004). Quando trazemos o conceito da palavra para a sociedade contemporânea, reconhecemos que as pessoas apresentam diversidade cultural, de gostos, religiosa, sexual, étnica, entre outros (Silva, 2013).

No que diz respeito à diversidade sexual, é preciso entender que esse termo vai muito além de questões biológicas do indivíduo e que esse conceito tão amplo envolve fatores como sexo biológico, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual (Bahia, 2018).

O sexo biológico está atrelado a fatores cromossômicos, fisiológicos e anatômicos que distinguem os seres. Já a identidade de gênero corresponde à forma como o indivíduo reconhece a si mesmo em relação ao seu gênero, e a expressão de gênero corresponde à forma e comportamento pelo qual o indivíduo expressa o seu gênero. Por fim, a orientação sexual refere-se à demonstração de afeto e/ou desejo sexual que uma pessoa possui por outra (São Paulo, 2018).

A diversidade sexual, portanto, pode ser definida como as múltiplas formas de viver e manifestar a sexualidade humana, e está relacionada a aspectos biológicos, psicológicos e sociais do indivíduo (Bahia, 2018).

Entre as pessoas que expressam as diferentes formas de vivenciar a diversidade sexual, temos lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, *queers*, intersexuais, assexuais e muitos outros que são representados pela sigla LGBTQIA+. Esse termo é uma reformulação dos termos GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) e LGBT (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis) e marca o reconhecimento de uma história de luta de indivíduos. A sigla, metaforicamente, se constitui como um grande “guarda-chuva”, e cada letra representa um grupo de pessoas que possuem orientações sexuais e identidades de gênero distintas. O acréscimo do símbolo “+” representa outras possíveis identidades de gênero e/ou orientações sexuais fora de um padrão cis-heteronormativo (Bortoletto, 2019).

A sigla LGBTQIA+ abrange, então indivíduos que podem manifestar atração por pessoas do mesmo sexo biológico que o seu (gays e lésbicas) ou por pessoas de ambos os sexos (bissexuais), além de indivíduos que não sentem atração sexual por outras pessoas (assexuais) e aqueles que não se reconhecem no gênero que lhe foi designado ao nascer (transexuais), entre outros (São Paulo, 2018).

É importante destacar que o termo “transgêneros”, representado pela letra “T” da sigla engloba travestilidade e a transexualidade, denominações que muitas vezes são tidas como sinônimos, mas não são. O termo travesti se refere a uma pessoa que nasce com o gênero masculino, mas que se identifica com a identidade de gênero feminina. A travesti não tem desconforto com o seu sexo biológico e não segue os padrões de gênero masculino e feminino impostos pela sociedade, construindo a sua própria representação de gênero. Além disso, em geral, não tem a necessidade de realizar a redesignação sexual conhecida popularmente como “mudança de sexo” (Belo Horizonte, 2022).

Já a transexualidade é marcada por uma ambiguidade entre o gênero que foi atribuído à pessoa ao nascer e o gênero com o qual ela se identifica. Portanto, um homem trans é um homem que foi designado ao sexo feminino ao nascer, mas se enxerga no gênero masculino, enquanto uma mulher trans é uma mulher que foi designada ao sexo masculino ao nascer, mas se enxerga no gênero feminino.

O termo transexual foi cunhado pelo médico americano David Oliver Caudwell, em 1949, em um artigo publicado em uma extinta revista de educação sexual, de Gernsback, a *Sexology*. Já o termo transexualismo foi utilizado pela primeira vez em 1953 pelo médico clínico alemão Harry Benjamin que posteriormente viria a ser conhecido como o “pai da transexualidade”. No entanto, antes mesmo da designação do termo, o desejo pela troca do sexo biológico já estava presente em personagens da mitologia grega e em documentos franceses populares e religiosos do século XV (Moreira; Marcos, 2019).

Embora o conhecimento sobre a transexualidade já existisse oficialmente desde 1949, o que prevaleceu desde então foi que a transexualidade correspondia a um transtorno de identidade sexual, denominação que depois foi reformulada, ainda sob um viés patológico, para transtorno de identidade de gênero. Essa era, por exemplo, a sua definição de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 1993 (Sampaio; Coelho, 2013).

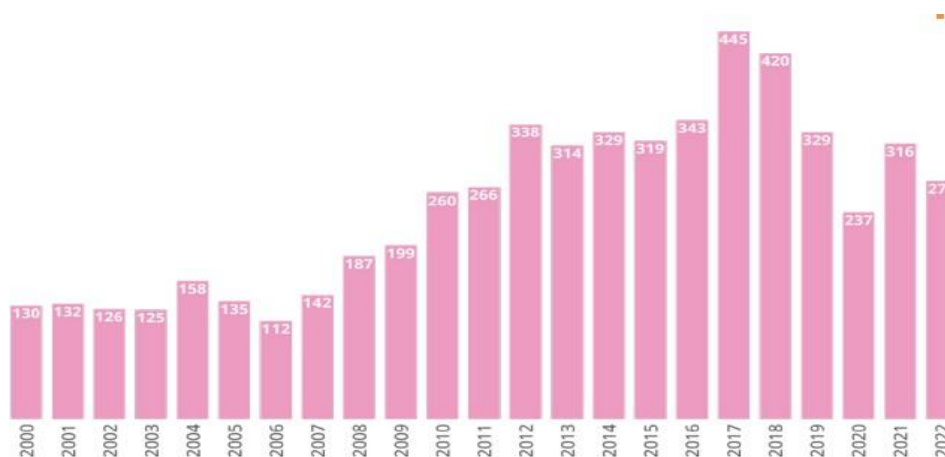
Somente em 2018 a transexualidade deixou de ser tratada como uma psicopatologia pela OMS, ganhando o caráter de incongruência de gênero, que define a não-conformidade com o sexo biológico (Fernandes; Jeremias, 2019).

Embora a transexualidade tenha deixado de ser taxada como doença e tenha havido um crescimento constante de movimentos em prol das lutas e direitos das pessoas transexuais, essa população ainda é alvo de inúmeras violências de ordem física e moral.

Segundo dados do Observatório de Mortes e Violência da população LGBTQIA+ no Brasil, 273 pessoas LGBTQIA+ morreram de forma violenta no país em 2022. Destas, 228 foram vítimas de assassinatos, 15 de suicídios e 15 vítimas de outras causas. Fazendo um recorte sobre a população trans, destas 273 vítimas, 167 eram pessoas trans (159 eram travestis ou mulheres transexuais e 8 eram homens transexuais), o que corresponde a mais de 60% do número total de mortes dessa população (Florianópolis, 2023).

O Brasil ainda é um país extremamente inseguro para a população LGBTQIA+, com um histórico de violência crescente nas últimas décadas (Figura 1). Essa violência resulta da intolerância e preconceitos da população, dos discursos de ódio proferidos por representantes do Estado e da falta de políticas públicas eficazes no combate à LGBTfobia, que foi criminalizada em 2019 atrelada à Lei de Racismo (Florianópolis, 2023). Em relação à população trans, os dados também são alarmantes, já que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans em todo o mundo desde 2008 (Pinheiro, 2022).

Figura 1 - Dados referentes à morte da população LBTQIA+ no Brasil entre os anos de 2000 e 2022



Fonte: Florianópolis, 2023. Dossiê de Mortes e Violências LGBTQIA + no Brasil no ano de 2022.

Além da morte, as pessoas transexuais estão suscetíveis a muitos outros tipos de violência, como: constrangimentos por falta de respeito ao uso do nome social e falta de banheiros apropriados; dificuldades de se manter na escola e conseqüente falta de acesso a empregos, o que resulta em casos de prostituição, abandono e violência física e psicológica no âmbito familiar; acesso inadequado aos serviços de saúde; e muitas outras formas de violência psicológica como: humilhação, tortura, calúnia, difamação, ameaças, perseguição, entre outros (Pardini; Oliveira, 2017; Oliveira, 2020).

Apesar das constantes violências sofridas pela população trans, atualmente as discussões sobre as questões envolvendo a população e o público LGBTQIA+ tornaram-se mais frequentes. Um marco que contribuiu para o reconhecimento das pessoas trans e das suas histórias de luta foi a criação da bandeira do Orgulho Trans, nas cores azul, rosa e branco, desenvolvida por Mônica Helms, uma mulher trans, em 1999. Nela, a cor azul representa os homens trans, a cor rosa representa as mulheres trans, e branca representa pessoas em transição, sem gênero definido ou gênero neutro (Ferneda, 2023).

O surgimento de movimentos como o Movimento LGBTQIA+ também foi responsável por impulsionar a luta por direitos iguais pautados na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que tem como um dos seus objetivos "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação". Apesar desses avanços, ainda há muito a ser feito em prol dessa população e da garantia de seus direitos (Oliveira, 2020, p.3).

3.2. A Transexualidade e a Educação

A partir dos anos 1980, grupos sociais organizados politicamente impulsionaram, a nível global, discussões sobre o currículo de escolas ocidentais, questionando a forma como os conteúdos estavam distribuídos nas escolas e por que algumas disciplinas eram priorizadas em detrimento de outras. As discussões desses grupos giravam em torno de pautas que buscavam estabelecer uma relação entre currículo e o cotidiano dessas pessoas. Assim, começa-se pensar em conhecimentos que deveriam ter um enfoque transversal e que atravessariam todas as disciplinas (Leôncio, 2013).

Os debates específicos sobre as questões envolvendo gênero e sexualidade nos meios acadêmicos começam a ocorrer internacionalmente a partir dos anos 1970, estimulados por movimentos sociais de pessoas excluídas dos modelos curriculares vigentes nas instituições da época. No Brasil, os estudos dessa temática ficaram restritos, por muitos anos, às áreas da Psicologia e da Sociologia, só ganhando força no campo da Educação a partir dos anos 1990, com trabalhos como o da escritora Guacira Lopes Louro, fundadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE), e de seus estudos abordando a exclusão das minorias de gênero na Educação (Dinis, 2008).

Ainda nos anos 90, ocorre a formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que são diretrizes desenvolvidas pelo Governo Federal para orientar a Educação no Brasil, que devem ser trabalhadas ao longo de todos os níveis de ensino. Entre as inúmeras propostas dos PCNs, está a inclusão de seis temas transversais para a Educação (Figura 2), sendo o tema “Orientação Sexual” um deles (Brasil, 1997). Esses temas transversais emergem da demanda da inserção de assuntos necessários e urgentes que envolvam o cotidiano dos alunos (Natal; Macedo e Bicalho, 2016).

Para Yus (1998, p.17) temas transversais se referem a:

Um conjunto de conteúdos educativos e eixos condutores da atividade escolar que, não estando ligados a nenhuma matéria particular, pode se considerar que são comuns a todos, de forma que, mais do que criar novas disciplinas, achasse conveniente que seu tratamento seja transversal num currículo global da escola.

A organização do tema Orientação Sexual nos PCNs está dividida em três eixos norteadores: 1. Corpo, matriz e sexualidade; 2. Relações e Gênero; 3. Prevenção a Doenças Sexualmente Transmissíveis DST/AIDS¹ (Brasil, 1997). A partir disso, começa a se desenvolver a concepção de que é dever também da escola abordar assuntos sobre sexualidade humana, algo que anteriormente ficava a cargo da família. Nesse contexto, cabe à escola não deslegitimar o trabalho da família, mas sim complementá-lo e estimular questionamentos sobre esses assuntos (Leôncio, 2013).

¹ Atualmente o termo DST foi substituído por IST, que significa Infecções Sexualmente Transmissíveis. Essa mudança foi adotada pois a letra “D”, de DST, era relacionada a doenças, que provocam sintomas e sinais visíveis no organismo, enquanto as infecções podem permanecer sem sintomas perceptíveis por um período ou se manter assintomáticas durante toda a vida do portador.

Figura 2 - Os temas Transversais presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais



Fonte: Brasil, 2019. Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: Contexto Histórico e Pressupostos Pedagógicos.

Mesmo os PCN não citando explicitamente a população trans, sua inserção potencializa discussões de temas envolvendo essas pessoas na escola, pois tem como um de seus pressupostos:

[...]considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista [...] Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro (Brasil, 1997, p.287).

A existência de um tema transversal que aborde essas questões, no entanto, não garante que elas de fato serão inseridas nas escolas. Segundo Oliveira, Lima e Maio (2012), embora reconheça-se a necessidade da abordagem transversal destes assuntos, devido à falta de preparo e tempo dos docentes e à ausência de cobrança por parte dos membros escolares, eles acabam sendo ignorados e trabalhados somente quando há questionamentos feitos pelos próprios discentes.

Mesmo que não haja uma abordagem tão enfática nas escolas, essas pautas estão se tornando mais frequentes nesses espaços. Segundo Souza (2016 *apud* Lima, 2020, p. 75) as lutas sobre essa inserção se intensificaram a partir dos anos 2000:

[...] a partir dos anos 2000, especialmente com a ascensão do governo Lula em 2003, o movimento LGBT incorporou em sua agenda a luta pela criminalização da homofobia, ao lado de outras reivindicações, algumas delas direcionadas a públicos específicos: travestis e homens e mulheres trans, por exemplo, que ansiavam pelo reconhecimento e direito ao uso do nome social. No campo da Educação, a reivindicação é pela inclusão da temática sobre gênero e diversidade sexual nos currículos escolares. O que diferencia os dois momentos (antes e depois dos anos 2000) é que, com a maior participação dos movimentos sociais no governo, os movimentos passaram a ser cada vez mais representados no Estado e com meios mais eficazes de negociação.

Levantamentos feitos por Campos, Silva e Bonetti (2021) mostram que houve, de fato, uma intensificação desses assuntos na Educação. Nos últimos anos, houve um salto no número de publicações de trabalhos de pós-graduação, mestrado e doutorado envolvendo a relação Educação-Transsexualidade, sendo a maioria das publicações relacionadas à área de Ciências Humanas.

A maioria dos trabalhos busca investigar as políticas educacionais e os direitos das pessoas trans, as vivências dessas pessoas, a escola, práticas escolares e como o preconceito se constrói no espaço escolar (*e.g.*, Campos; Silva; Bonetti, 2021; Moura; Zibetti, 2023). Uma constatação comum após a análise das vivências de pessoas trans no espaço escolar é que a escola, que deveria ser um local de acolhimento, onde a pessoa se sinta segura e respeitada, muitas vezes acaba sendo um local potencializador de violência e desconforto (Nunes, 2021).

As concepções pré-estabelecidas na sociedade sobre o que define “ser masculino” e “ser feminino” contribuem para essa situação de discriminação. Desde o nosso nascimento, são comuns discursos como os de que “meninos vestem azul” e “meninas vestem rosa”, ou que meninos devem “brincar de carrinhos” e meninas “brincar de bonecas”. Essas concepções estão presentes também nas escolas, onde espera-se como “normal” que meninos se envolvam em atividades lúdicas como esportes e meninas em atividades como dança e teatro. Esse comportamento esperado acaba por se tornar uma “regra” dentro das escolas, e os estudantes que quebram esse padrão acabam por vivenciar preconceitos e diversas formas de violência e invisibilização (Silva, 2013; Natal; Macedo; Bicalho, 2016).

As diversas manifestações de violências sofridas pelas pessoas trans recebem o nome de transfobia. Segundo Podestá (2019, p.363):

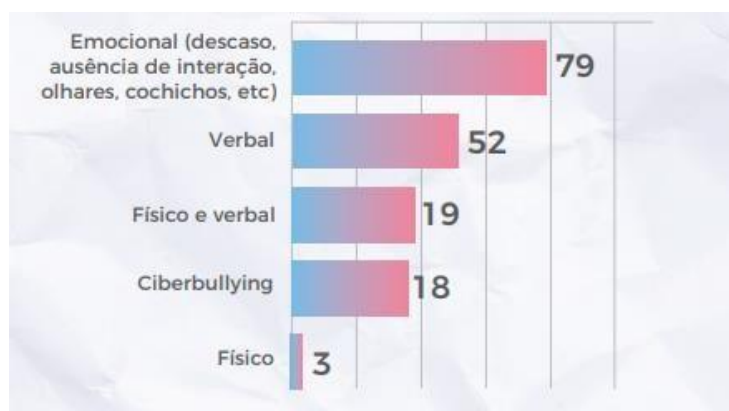
O termo transfobia, através de sua tradução do termo original anglo-saxão *transphobia*, é um conceito em ascensão para designar e analisar as múltiplas violências contra pessoas trans – pessoas que vivem a transgeneridade. Normalmente, o termo pode ser evocado para representar um grupo heterogêneo de violências específicas que atingem mulheres transexuais, travestis, homens trans, pessoas não binárias, entre outras.

Dados obtidos com famílias de crianças e adolescentes trans em 17 Estados Brasileiros mostram que mais de 70% dessas crianças e adolescentes já sofreram transfobia nas escolas, e que essa foi manifestada de diversas formas (Figura 3) e por diferentes pessoas (Figura 4) (Nunes, 2021).

A transfobia, no entanto, representa apenas uma parte dos desafios aos quais as pessoas trans estão submetidas no ambiente escolar. Além disso, elas também têm de lidar com o não reconhecimento e uso do seu nome social, o impedimento e/ou ausência de banheiros apropriados de acordo com o seu gênero (Cantarino, 2016; Lima, 2020; Natal; Macedo; Bicalho, 2016; Silva, 2019), o impedimento do uso de uniforme adequado ao seu gênero (Lima, 2020; Natal; Macedo; Bicalho, 2016; Silva, 2019), a presença de discursos religiosos e a falta de formação e informação de professores e membros da comunidade escolar sobre as questões relacionadas à diversidade sexual (Cantarino, 2016).

Esses fatores contribuem para um dado alarmante feito pela Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil, que mostrou que 82% das pessoas trans deixam o Ensino Médio entre os 14 e 18 anos (Oliveira, 2022). Em relação ao Ensino Superior, o número de pessoas trans que conseguem ingressar em uma Universidade ainda é baixo, e dessas que conseguem ingressar, menos de 10% conseguem concluir a Graduação (Lima, 2020).

Figura 3 - Dados representativos sobre as modalidades da transfobia em escolas brasileiras



Fonte: Nunes, 2021. Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro (livro eletrônico) (Adaptado).

Figura 4 - Dados representativos sobre os praticantes de transfobia em escolas brasileiras



Fonte: Nunes, 2021. Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro (livro eletrônico) (Adaptado).

Todos esses fatores, que resultam em uma vivência escolar dificultada e contribuem para a evasão escolar², condenam as pessoas trans a uma privação do exercício da cidadania e de direitos básicos, como a educação formal. Essa privação resulta na redução de oportunidades

² A organizadora do livro Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro, Thamyris Nunes substituiu o termo evasão escolar por expulsão escolar, visto que as pessoas trans são expulsas mesmo que indiretamente por causa da falta de acolhimento e garantia de seus direitos nas escolas, e não saem da escola por desejo ou necessidade própria.

dignas de trabalho e, conseqüentemente, em situações como pobreza e falta de acesso a serviços básicos, como a saúde de qualidade. A estigmatização das pessoas trans no espaço escolar traz, portanto, conseqüências que vão além do acesso à educação formal (Cantarino, 2016; Lima, 2020; Podestá, 2019; Silva, 2019).

Ainda assim, alguns movimentos políticos contribuíram para que discussões escolares sobre diversidade sexual fossem suprimidas, o que contribuiu para a invisibilidade de pessoas trans no espaço escolar. Alguns desses movimentos são o Escola sem Partido, surgido em 2004 (Moura; Zibetti, 2023), a suspensão da distribuição do “Kit Escola sem Homofobia”, em 2011, pelo Governo Federal, e a pressão pela retirada do debate de questões sobre igualdade de gênero nos âmbitos estaduais e municipais em 2014 (Lima, 2020). Além disso, houve episódios locais que reforçaram essas exclusões, como os das prefeituras de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, e de Palmas, no Tocantins, que vedaram, em 2016, a distribuição, exposição e uso de materiais relacionados à discussão da diversidade sexual nas escolas (Silva, 2019).

3.3. Possibilidades para a Transexualidade e a Educação

Mesmo que haja resistência política, da sociedade ou do próprio corpo escolar, não é mais possível pensar em uma escola que silencie o debate sobre a transexualidade e que não estimule a inserção dessa temática, assim como debates sobre todas as formas de violência. Assim como a escola, o professor tem papel fundamental nesse processo ao construir uma visão não discriminatória junto aos discentes. Essas discussões devem ocorrer não de forma pontual, em datas específicas, mas continuamente, com redes e debates, fóruns, redes sociais e eventos, de modo a contribuir para a formação de toda a comunidade escolar (Silva, 2013).

Xavier (2019) defende que é fundamental trazer as vivências das pessoas trans para esses debates, pois eles, mais do que ninguém, são capazes de dizer e expressar como se sentem em relação à falta de acolhimento e apoio necessário. Por isso, dar voz a esses discentes invisibilizados é fundamental para que ocorram mudanças curriculares, de pensamentos e conhecimentos, e assim minimizem-se ao máximo os traumas vividos por essas pessoas no espaço escolar.

Para Dinis (2008), algumas mudanças nas esferas macro e micro também se fazem necessárias, como: se apropriar de novas formas de uso da linguagem (mudança essa que segundo o autor deve ocorrer também na linguagem científica, nos documentos oficiais e currículos escolares), incluir estudos de gênero na formação de professores, incentivar a divulgação e produção de trabalhos sobre o assunto e analisar a abordagem da mídia sobre esses temas. Oliveira, Lima e Maio (2012) defendem ainda a criação e efetividade de políticas públicas visando a igualdade de direitos para a população trans.

Independentemente do modo como essa reforma deve ser feita, e de todas as dificuldades encontradas para que haja essa reformulação, é urgente que essas mudanças aconteçam, para que os discentes não sejam apenas tolerados, mas sim acolhidos e valorizados, e não sejam ensinados a aprender a suportar ou lidar com a transfobia na escola (Moura; Zibetti, 2023).

A escola deve promover uma verdadeira inclusão (no sentido mais amplo da palavra), desses estudantes reconhecendo as suas múltiplas individualidades e singularidades, como defende Nunes (2021, p.126):

É preciso que se trabalhe com esta perspectiva epistemológica em Educação todos os dias, evitando-se assim carregar nos currículos profissionais o peso da omissão, do descaso, das violências e a responsabilidade de ter contribuído para o sofrimento, para o adoecimento ou para o suicídio de alguém [...] e que se pense também a respeito de quais tipos de memórias gostariam de contribuir para que suas/ seus estudantes elaborassem sobre as trajetórias escolares delas/es a partir das interações com cada profissional? Memórias do trauma ou memórias de acolhimento, afetividade, reconhecimento, valorização e defesa dos direitos?

3.4. A Transexualidade em aulas de Ciências e Biologia

A construção curricular é um território de disputa envolvendo diferentes pessoas, interesses e contextos históricos e sociais distintos (Bassoli et al., 2023). Logo, a organização curricular e as modificações ocorridas ao longo dos anos estão relacionadas diretamente a aspectos políticos e sociais (Marandino; Selles; Ferreira, 2009).

O currículo de Ciências segue essa tendência. Tal disciplina só começa a ser incluída no currículo do ensino secundário em 1837, no Colégio Pedro II, escola de referência no país, e a sua consolidação em outras instituições só ocorreu nos anos 1950. Nesse início, o ensino era

baseado em aulas expositivas utilizando os livros didáticos como verdade absoluta, e havia poucos questionamentos sobre os assuntos trabalhados (Batista; Moraes, 2019).

Um marco que resultou em mudanças acentuadas no ensino de Ciências foi a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Lei nº 5.692), de 1971, que tornou Ciências uma disciplina obrigatória durante todo o Ensino Fundamental. Algumas modificações, como a inserção de aulas práticas, ocorreram como fruto da Guerra Fria e da Ditadura Militar, e de ideias de que, através da Ciência, o país se desenvolveria econômica, social e culturalmente, e que através dessa disciplina seria possível formar futuros cientistas, utilizando como metodologia predominante a experimentação e o método científico (Krasilchik, 2000; Marandino; Selles; Ferreira, 2009).

Ainda na década de 1970, alguns temas que antes não estavam presentes na escola como meio ambiente e a relação entre ciência, ambiente e tecnologia passaram a ter mais força no currículo, assim como alguns questionamentos sobre o modo de organizar o currículo e “o que ensinar” e “como ensinar” (Batista; Moraes, 2019; Siqueira., 2011).

Em 1996 uma nova LDB (Lei nº 9.394) foi promulgada, e, no ano seguinte, ocorreu a formulação dos PCNs, ambos documentos com o objetivo de estimular um ensino de Ciências para o exercício pleno da cidadania e para a preparação para o mercado de trabalho (Krasilchik, 2000).

Ao longo dos anos, foram sendo desenvolvidas diferentes políticas educacionais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC é um documento de caráter normativo e iniciou sua formulação em 2015. Nesse processo, profissionais de diversos setores estavam envolvidos, desde secretários e dirigentes da Educação, professores de universidades públicas e representantes empresariais. Algumas versões foram desenvolvidas e passaram por períodos de consulta pública e modificações até chegarmos ao cenário atual, com a homologação, pelo MEC, em 2017, de uma BNCC para todos os níveis de ensino (Brasil, 2018; Vicente, 2019).

A BNCC tem por objetivo definir as aprendizagens que o estudante deve desenvolver ao longo do seu percurso escolar, baseada em competências gerais para toda a Educação Básica e competências e habilidades exclusivas a cada área do conhecimento. Dentre as 10 competências gerais propostas pela BNCC para a Educação Básica, duas (competências 8 e 9) merecem

destaque para este trabalho pois abordam questões como: diversidade, respeito, empatia e superação de preconceitos. Tais competências tem por objetivo possibilitar ao estudante:

[...]conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na **diversidade humana** e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. **Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação**, fazendo-se respeitar e **promovendo o respeito ao outro** e aos direitos humanos, com acolhimento e **valorização da diversidade de indivíduos** e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, **sem preconceitos de qualquer natureza** [...] (Brasil, 2018, p. 10, grifo nosso).

Em relação à área específica de Ciências da Natureza nos anos do Ensino Fundamental, a BNCC propõe 8 competências específicas. Merecem destaque para este trabalho duas competências (competências 5 e 7), que reafirmam a importância no cuidado de si e do outro e no respeito ao próximo, reconhecendo a importância de:

[...]construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o **respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza**. [...] Conhecer, apreciar e cuidar de si, do seu corpo e bem-estar, **compreendendo-se na diversidade humana, fazendo-se respeitar e respeitando o outro, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza e às suas tecnologias** [...] (Brasil, 2018, p. 324, grifo nosso).

Além das competências específicas para essa área, são definidas três unidades temáticas que irão nortear o ensino de Ciências ao longo de todo o Ensino Fundamental: 1. Matéria e Energia, 2. Vida e Evolução e 3. Terra e Universo. A partir dessa organização, espera-se que os estudantes no segundo ciclo do Ensino Fundamental possam “ter consciência dos valores éticos e políticos envolvidos nessas relações; e, cada vez mais, atuar socialmente com respeito, responsabilidade, solidariedade, cooperação e repúdio à discriminação” (Brasil, 2018).

Em relação aos desafios no Ensino Médio, a BNCC reforça que é preciso reconhecer a existência de múltiplas juventudes, reconhecendo a heterogeneidade dos estudantes e o acolhimento à diversidade e o respeito ao indivíduo e aos seus direitos. A verdadeira escola acolhedora deve permitir aos seus estudantes:

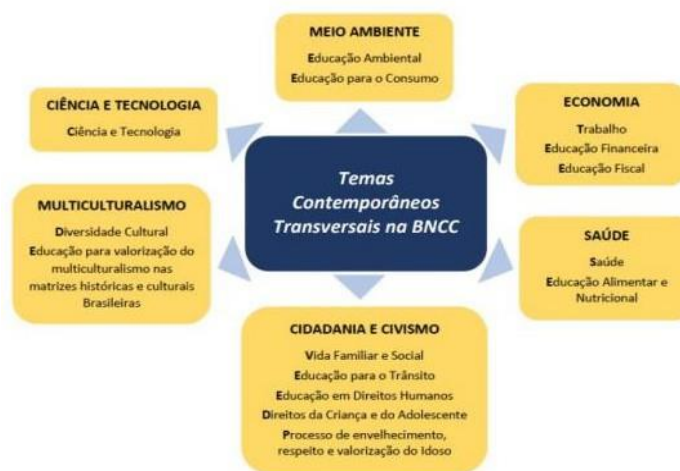
[...]conhecer-se e lidar melhor com seu corpo, seus sentimentos, suas emoções e suas relações interpessoais, fazendo-se respeitar e respeitando os demais

[...] **combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença [...]** (Brasil, 2018, p. 466-467, grifo nosso).

Para a organização do Ensino Médio, a BNCC propõe a criação de 5 itinerários formativos, visando uma maior flexibilidade e favorecendo o protagonismo do estudante. Dentre esses itinerários, um deles corresponde à área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias e irá apresentar competências e habilidades específicas para essa área do conhecimento, visando um aprofundamento das três unidades temáticas do Ensino Fundamental (Brasil, 2018).

Uma outra característica que surge reformulada na BNCC é a adesão aos Temas Transversais Contemporâneos. Os temas transversais já estavam presentes nos PCNs, mas na BNCC eles sofrem uma reformulação e contextualização visando a contemporaneidade, e são definidos em seis áreas, agrupando quinze temas (Figura 5). Um dos objetivos da proposta desses temas é a garantia do respeito às diversidades, e a formação do estudante para o pleno exercício da cidadania. Cabe ao professor o incentivo, a motivação e o engajamento dos estudantes nos projetos propostos (Vieira et al., 2022).

Figura 5 - Os temas Contemporâneos Transversais presentes na BNCC



Fonte: Vieira et al., 2022. Os temas transversais na Base Nacional Comum Curricular: da legislação à prática.

A análise da versão atual da BNCC permite perceber que, embora ela defenda uma valorização das diversidades e diferenças (citada em vários momentos no texto), exclui temas importantes. Um deles é o tema "Orientação Sexual", que estava presente nas primeiras versões do documento e também tem grande abordagem nos PCNs, inclusive como um dos temas transversais (Silva, D.,2020).

Temas como “Diversidade Sexual”, “Gênero” e “Educação Sexual”, que estavam presentes em versões anteriores do texto, também não aparecem na versão final do documento. Na área de Ciências, o tema “Sexualidade” se restringe ao oitavo ano do Ensino Fundamental, associado a conteúdos como órgãos reprodutivos, gravidez e ISTs, o que reforça a abordagem unicamente biológica desses assuntos e a dificuldade da abordagem transversal desses temas (Bassoli et al., 2023; Freitas, 2021; Luz, 2024; Vicente, 2019).

Para esse ano, são propostas 5 habilidades para a unidade temática Vida e Evolução relacionadas ao conteúdo Mecanismos Reprodutivos e Sexualidade. Somente uma dessas habilidades extrapola as questões da sexualidade para além dos aspectos biológicos do indivíduo e tem por objetivo: “Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) (Brasil, 2018, p. 351).

Na BNCC do Ensino Médio não há qualquer menção a esses temas. Em alguns pontos é mencionada uma preocupação com o respeito à diversidade, mas isso é feito de forma genérica, sem fazer uma alusão à diversidade sexual. Somente na 2ª série do Ensino Médio são sugeridos, como conhecimentos conceituais, “órgãos e sistemas”, sem especificar quais órgãos e sistemas e sem fazer menção a aspectos sociais e culturais do indivíduo (Brasil, 2018).

O principal fator determinante para a invisibilidade da Sexualidade e a retirada de questões relacionadas à Diversidade Sexual, Gênero e Educação Sexual da BNCC foi a pressão política da bancada ultraconservadora evangélica no governo do então presidente Michel Temer, em 2017 na época da consulta pública para a versão final do documento. A retirada desses temas do documento final não levou em consideração as contribuições feitas nas consultas públicas e nem a opinião da população. A principal justificativa dada para a retirada desses temas da BNCC foi a alegação de que “temas como estes devem ser trabalhados apenas através da família” e que “a inserção desses assuntos serviria para doutrinar e aliciar os alunos para o homossexualismo e lesbianismo” (Bassoli et al., 2023; Freitas, 2021; Luz, 2024; Silva, E., 2020; Vicente, 2019).

Embora a BNCC não seja entendida como um currículo, ela acaba por direcionar o processo de ensino e aprendizagem nas escolas. Logo, a exclusão desses temas proporciona uma ausência de respaldo legal para professores e escolas que considerem importante e necessária a sua inserção. Além disso, a pressão de movimentos ultraconservadores insiste que:

[...]em nossas aulas só deve haver a disseminação de um determinado tipo de conhecimento, tido como “neutro”, da anatomia e da fisiologia humana, gerando uma pressão que intensifica a exclusão de questões culturais que atravessam a constituição plural dos sujeitos, que são biológicos, mas também sociais [...] (Borba; Andrade; Seles, 2019, p. 153).

Além de definir as aprendizagens que o estudante deve desenvolver ao longo do seu percurso escolar, a BNCC acaba direcionando a estruturação dos materiais didáticos utilizados em aulas, como os livros didáticos, que serão organizados de acordo com as competências e habilidades sugeridas pelo documento. Embora o livro didático não seja um limitante da autonomia do professor, ele acaba representando umas das principais ferramentas ao ensino, principalmente em escolas com infraestrutura e recursos limitados (Bassoli et al., 2023).

Mesmo com o avanço da tecnologia, esses livros ainda representam um dos mais importantes recursos utilizados em sala de aula, pois além de servir de guia e dar um direcionamento para o professor, auxiliam o estudante na sua autonomia, senso crítico e formação de identidade (Mariano; Ferreira, 2023; Silva et al., 2019; Santos; Martins, 2011). Dessa forma, os livros didáticos podem ajudar a mitificar ou potencializar preconceitos e discriminações.

3.5. Os livros didáticos de Ciências e Biologia

Os livros didáticos, assim como todo o processo educacional, foram sofrendo modificações ao longo dos anos, muitas delas associadas a fatores externos, como política, economia e religião. Os conteúdos presentes nos livros didáticos são representações no modo de pensar e fazer o ensino de Ciências, e muitos sofrem reformulações para incluir, além de produções do campo científico, conhecimentos ancorados em contextos educacionais e utilitários do cotidiano (Gomes; Selles; Lopes, 2013). Outros conteúdos, no entanto, permanecem estáveis.

Um dos conteúdos que mantém uma estabilidade nos livros didáticos de Ciências e Biologia são os relativos à área de anatomia, fisiologia e saúde humana. Tais conteúdos acabam tendo um foco quase exclusivo nos aspectos anatômicos e fisiológicos do ser humano. Quando propõem uma abordagem pautada também em aspectos sociais, culturais e afetivos, o fazem de forma muito superficial. Além disso, temas como diversidade sexual são invisíveis dentro dos livros didáticos dessa área, o que pode ser justificado pelo fato de os livros estarem relacionados

à organização proposta na BNCC, em que, como mencionado acima, houve um apagamento desse tema (Rodrigues; Márques, 2022).

Esse apagamento, no entanto, vai contra ao proposto pelos PCN, que defendem que:

[...]a abordagem deve ir além das informações sobre anatomia e funcionamento, pois os órgãos não existiriam fora de um corpo que pulsa e sente. O corpo é concebido como um todo integrado de sistemas interligados e que inclui emoções, sentimentos, sensações de prazer e desprazer, assim como as transformações nele ocorridas ao longo do tempo. **Há que considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, esse todo que inclui as dimensões biológica, psicológica e social [...]** (Brasil,1997, p.317, grifo nosso).

Bastos (2019) e Pino, Silva e Oliveira (2022) contribuíram para o entendimento da abordagem, em livros didáticos, da sexualidade humana para além do sexo biológico; abordagens que levem em consideração aspectos como orientação sexual e identidade de gênero. Eles observaram que muitos livros abordam esses assuntos de forma superficial e, às vezes, somente em materiais complementares, como textos suplementares, sugestões de discussões ou materiais exclusivos do professor. Quando a abordagem está mais presente, ela ocorre principalmente em relação ao tema orientação sexual, mas de forma resumida, e pouco se fala sobre identidade de gênero.

Além disso, muitos livros tratam essas temáticas nos capítulos finais; capítulos que muitas vezes o professor não consegue trabalhar devido à falta de tempo e à grande quantidade de conteúdos durante o ano letivo (Ribeiro et al. 2019). A ausência ou superficialidade da abordagem de assuntos como igualdade de gênero, orientação sexual e identidade de gênero nos livros didáticos favorece a falta de debates desses assuntos em sala de aula, além de representar uma contradição em relação a documentos como LDB, PCN e BNCC (Duarte; Reis, 2018).

Apesar da ausência de discussões profundas sobre o tema, muitas percepções e preconceitos sobre sexualidade são construídos através dos livros didáticos (Mariano; Ferreira, 2023).

A análise das representações de corpos e identidades humanos nos livros didáticos, por exemplo, permite observar o predomínio de determinados grupos, como por exemplo, corpos brancos, magros, sem deficiência e heterossexuais. As fugas desses padrões são apresentadas como doenças ou anormalidades, não referenciando os múltiplos corpos presentes na sociedade

e, por consequência, nas escolas (Fernandes et al., 2022). Sobre a predominância da representação imagética de demonstrações heteroafetivas, pode-se afirmar que:

[...]o livro didático, ao silenciar-se sobre a diversidade sexual, não dialoga com a realidade da sociedade atual, contribuindo para criar um descompasso entre escola e sociedade, pois as suas representações são frágeis para refletir a realidade em que vivemos com os diferentes arranjos amorosos[...] (Mariano; Ferreira, 2023, p.16).

Por fim, a transexualidade também não é abordada nos livros didáticos de Ciências e Biologia, e um dos principais motivos para isso é o fato de o gênero ser visto como um produto determinado pela genitália: ainda no útero da mãe o bebê recebe o status de menino ou menina após a observação desses órgãos (Magalhães; Ribeiro, 2019; Pino; Silva; Oliveira, 2022). Tal concepção invisibiliza a existência de corpos trans, como afirma a pesquisadora Sofia Favero: “Todas as instituições — inclusive o estado — te ensinam a se odiar a partir do momento que coloca em um livro de Biologia que você não existe! ‘Só existe homem com pênis e mulher com vagina, você é um erro da matrix’.” (Lucon, 2014 *apud* Magalhães e Ribeiro, 2019, p.123).

A invisibilidade trans na BNCC e nos livros didáticos acaba por influenciar também as aulas de Ciências e Biologia e as Licenciaturas, que persistem em uma abordagem de gênero restrita à determinação biológica, baseada nos cromossomos sexuais, onde algumas características são exclusivas do homem biológico (pênis, testículos, espermatozoides etc.) e outras da mulher biológica (vagina, útero, óvulo etc.). Essa abordagem não considera o gênero como uma construção social (Santos; Silva, 2019a; Souza; Melo; Caixeta, 2019).

Ao invés disso, ainda se verificam discursos de professores que buscam uma explicação biológica para a transexualidade humana, muitas vezes baseada em desenvolvimento embrionário e sistemas endócrino e nervoso. Esse entendimento da transexualidade busca uma lógica no arcabouço biológico que esse profissional adquire em sua formação acadêmica e docente; uma lógica em que o corpo trans é visto como um “erro”, diante de tudo o que a biologia escancara como representativo e característico do homem e da mulher (Santos; Silva, 2019a; Santos; Silva, 2019b).

Um exemplo disso é citado em Santos e Silva (2019a), que trazem entrevistas com professores de Biologia do Ensino Médio de escolas públicas dos estados de Minas Gerais, Goiás e Paraná. Através dos diálogos da entrevista, uma professora foi confrontada com a imagem de um homem grávido, e tal imagem provocou inquietações de forma que ela buscou desenvolver

através de explicações biológicas o seu entendimento. A professora também demonstrou não saber como explicar a imagem para os alunos, pois, segundo as concepções adquiridas ao longo da sua trajetória acadêmica, a mulher é a única capaz de engravidar, e a imagem de um homem grávido representa um corpo problemático e polêmico.

No entanto, o ensino de Ciências e Biologia, mais do que um ensino para a busca de explicações biológicas da transexualidade, deve ser um ensino que enxergue o corpo não como uma máquina onde o maior objetivo é a reprodução (Silva, D., 2020). Dessa forma, o professor deve encontrar formas e possibilidades de abordar o corpo como construção social, cultural e histórica.

O professor pode e deve utilizar os “ganchos” do currículo, que representam brechas para inserir determinados conteúdos que não estão explicitamente presentes no currículo para abordar a diversidade sexual e a transexualidade juntamente não só com a reprodução humana, mas também com outros conteúdos, como genética e ecologia. Dessa forma, a transexualidade estará presente, através de brechas, em discussões sobre conteúdos que fazem parte do currículo tradicional (Bastos, 2019).

As narrativas de pessoas trans trazem pistas de modos de repensar o ensino de Ciências e Biologia ao propor que:

[...]ali onde eles defendem o que é homem e o que é mulher, porque no corpo humano masculino de um homem tem um órgão reprodutor masculino e no corpo humano de uma mulher tem órgão reprodutor feminino, ali eu já mudaria. Começaria ali. Não é porque é um homem que tem que ter necessariamente um pênis. [...] Em relação aos hormônios [...] tirar essa questão do masculino e feminino. [...] uma das coisas é não dizer que é natural XX é mulher e XY é homem. [...] XY vai gerar determinadas características morfológicas, XX vai determinar determinadas características morfológicas. Entre elas, tem o XXO, XXY, tem o XO, enfim, tantas outras características, e aí você vai fugindo dessa dicotomização de que “só é assim ou é assado” (Santos; Silva, 2019b, p. 26 - 27).

As aulas de Ciências e Biologia representam, então, campos férteis, para discussões sobre diversidade sexual, transexualidade e o modo como os corpos e as representações foram sendo construídos e mantidos. Dessa forma:

É importante discutir com as alunas e alunos, que os conceitos da biologia, inclusive aqueles mais universais como os conceitos de masculino e feminino, macho e fêmea, foram construídos em determinados tempos, em determinados contextos culturais, sociais e epistemológicos. Também que estas construções podem e têm sido utilizadas para legitimar práticas sociais e culturais de exclusão que ainda hoje se atualizam e servem de base de necropolíticas, que tomam entre os principais alvos de opressão e exclusão diversos grupos racializados e colocados fora da norma cisgênero, heterossexual (Marin, 2020, p. 270 - 271).

3.6. Os filmes em aulas de Ciências e Biologia

O cinema tem como marco oficial de seu nascimento as apresentações fotográficas animadas realizadas em 1895 pelos irmãos Louis e Auguste Lumière no Salon Indien do Grand-Café, em Paris (Oliveira, 2021).

No Brasil, o cinema surge no final do século XIX e, logo no início do século XX, pensadores, educadores e cineastas começam a ponderar sobre a sua utilização como recurso educacional, avaliando as possibilidades e limitações de sua implementação na Educação. A partir de 1920, o movimento conhecido como Escola Nova, reunido por educadores e associando a modernização da sociedade brasileira à Educação, promove ações para o desenvolvimento da relação entre o cinema e a educação (Catelli, 2005).

Segundo Catelli (2007 apud Encarnação, 2020, p. 15)

No âmbito desta visão de modernização, os meios de comunicação de massa eram os verdadeiros instrumentos capazes de levar o progresso a todo o território nacional, transplantando o tempo e o espaço. O cinema corporificava a mobilidade pelas imagens em movimento, estas possibilitavam a construção e reconstrução de novos ideais de cultura e civilização.

Nos documentos oficiais, as discussões sobre a utilização dos filmes em sala de aula se intensificam ao decorrer dos anos e passam a estar presentes na LDB sob a Lei 13.006, de 2014, que diz: “[...] que a exibição de filmes de produção nacional será componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (Encarnação, 2020).

Recursos multimídia como vídeos e filmes vem ganhando espaço na sala de aula, sendo, em sua maioria, utilizados para facilitar o aprendizado de conteúdos que não se tornam inteligíveis somente através da fala e da escrita. Esses recursos acabam por propiciar uma atualização do professor em relação a determinados assuntos, além de aproximar a realidade do professor à dos alunos, que vivenciam uma era de grande avanço tecnológico (Añez, 2017; Matos, 2018). Além disso, segundo Morán (1995), a utilização de vídeos em aula possibilita a inserção de novos assuntos e questões no âmbito educacional, pois:

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não-separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços [...] As linguagens da TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta. São dinâmicas, dirigem-se antes à afetividade do que à razão [...].

O cinema é um instrumento valioso para o ensino e aprendizagem, e dessa forma ele também é um recurso que vem ganhando destaque nas aulas de Ciências e Biologia, seja para uma revisão, complementaridade, inserção de um novo assunto, representando um método de avaliação, entre outros (Matos, 2018). A escola representa um local fundamental para despertar nos alunos conhecimentos sobre si mesmo, seu corpo e saúde, e a prática de levar o cinema para aulas permite que os alunos desenvolvam uma visão mais crítica sobre determinados assuntos.

Além disso, um único filme é capaz de transmitir mensagens diversas aos discentes e gerar discussões envolvendo assuntos polêmicos (Costa; Barros, 2014). Com isso, filmes vêm sendo empregados para abordar diversos conteúdos, como Evolução, Educação Sexual, Zootomia, Genética, Educação Ambiental, entre outros (Pedroso; Amorim, 2011).

As potencialidades e limitações do uso de filmes em sala de aula foram verificados por Añez (2017); Barros, Girasole e Zanella (2013); Pedroso e Amorim (2011) e Silva e Oliveira (2019) através da análise de discursos de professores. Esses professores destacam que os filmes permitem diversificar o trabalho docente e uma maior aproximação com o cotidiano dos alunos, além de servirem para complementar, influenciar, fixar e ilustrar os conteúdos trabalhados e despertar o senso crítico. Em relação às limitações, destacam como principais fatores a falta de infraestrutura, falta de empenho dos alunos para discussões relacionadas aos filmes, indisciplina, ausência de tempo para exibição e planejamento, ausência de formação adequada para a utili-

zação dos recursos audiovisuais, falta de interação entre professores para uma abordagem interdisciplinar e ausência de apoio da escola para a utilização desse recurso, que ainda é associado ao “não dar aula”.

Os filmes em aulas de Ciências e Biologia também apresentam boa receptividade pelos estudantes, como verificado por Añez (2017) e Matos (2018). Ao questionarem sobre as impressões que os filmes causam neles, alguns alunos alegam que os filmes representam uma contribuição muito grande para a aprendizagem e que através deles fica mais fácil compreender e fixar conteúdos devido à exemplificação dos assuntos e simplificação da linguagem, além de serem mais divertidos, atrativos, interessantes e evidenciam a realidade.

Morán (1995), no entanto, destaca que mesmo que a utilização de filmes tragam contribuições positivas para o ensino, ainda existem usos problemáticos. Entre eles, menciona os “*vídeos tapa buraco*”, utilizados quando não há professor (a utilização frequente deste recurso acaba por associar a exibição de filmes a “não ter aula”); os “*vídeos enrolação*”, quando o vídeo não apresenta relação com os conteúdos trabalhados em sala; os “*vídeos deslumbramento*”, que corresponde ao uso exagerado de filmes (o que faz com que o recurso perca a sua potencialidade por se tornar algo corriqueiro no cotidiano dos alunos); os “*vídeos perfeição*”, quando o professor busca um vídeo perfeito, sem erros, e questiona todo e qualquer problema conceitual e/ou estético que possa estar presente nos filmes e não utiliza estes erros para debates e contextualizações com os estudantes; e ainda a utilização isolada do vídeo, sem debates e apontamentos sobre aspectos importantes do material.

Dessa forma, se faz necessário que o professor desenvolva propostas sólidas e alinhadas para a utilização dos filmes em sala de aula. Algumas propostas de utilização deste recurso são desenvolvidas por Morán (1995), como: 1. Iniciar com a utilização de vídeos mais simples; 2. Usar vídeos como sensibilização para determinado assunto; 3. Usar vídeos como ilustração de determinado fenômeno e/ou acontecimento; 4. Usar vídeos para simular experimentos; 5. Usar vídeos que abordem conteúdos de ensino (direta ou indiretamente); 6. Usar vídeos produzidos por professores e/ou alunos; 7. Usar vídeos como avaliação do professor e/ou alunos e 8. Usar vídeos como suporte a outras mídias.

3.7. A Transexualidade através dos Filmes

Como discutido anteriormente, embora os assuntos trabalhados nas aulas de Ciências e Biologia ao longo da trajetória escolar sejam vastos, alguns tópicos, como a transexualidade, ainda são negligenciados nas aulas dessas disciplinas, seja por sua ausência nos documentos oficiais que norteiam a Educação ou pela ausência de materiais que subsidiem o trabalho docente.

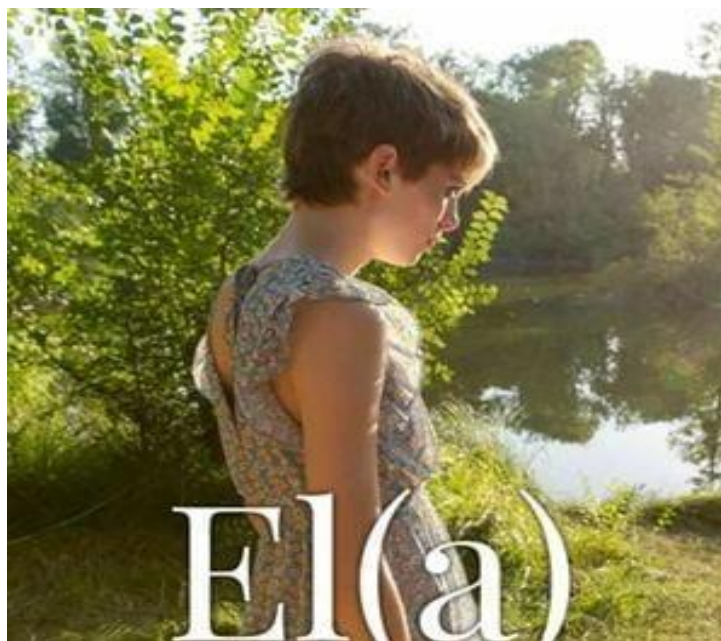
Segundo Simão (2023), os filmes permitiriam suprir essa lacuna, possibilitando a abordagem de questões relacionadas à população LGBTQIA+. O autor reforça que é preciso cautela ao selecionar os filmes sobre essa temática, já que muitos apresentam cenas de nudez, uso de drogas e linguagem inapropriadas para o público-alvo. Além disso, como falas e/ou ações violentas contra essa população são frequentemente encontradas nos filmes, deve-se ter cuidado para que os alunos não as reproduzam.

Andres e Jaeger (2016) enxergam os filmes como um poderoso artefato cultural, viável e instigante, que possibilita pensar e/ou abordar diferentes modos de “ser homem” e “ser mulher”, desconstruir certezas e possibilitar o acolhimento das diferentes manifestações da sexualidade. Através de filmes sobre essa temática, a identidade de gênero e sexual passa por um processo de construção, transformação, reafirmação e provocação, possibilitando o reconhecimento da existência de sexualidades plurais e a construção do respeito aos modos de ser e/ou existir (Santos et al., 2011). Dessa forma, acredita-se que os filmes podem ter um potencial pedagógico para a abordagem da transexualidade em aulas de Ciências e Biologia.

Dentre os filmes possíveis para abordar essa temática, está “El(a)” (Figura 6) (“Il est elle” no original), um filme francês, lançado em 2020 dirigido por Clément Michel, e caracterizado como no gênero drama, com classificação recomendada de 14 anos.

O filme é estrelado pela atriz trans Andréa Furet e retrata a história de uma criança conhecida por Juju, classificada como menino ao nascer, mas que se identifica como menina. O filme explora os desafios de Juju com a chegada da puberdade, a busca pela aceitação pela sua família e amigos, a descoberta do primeiro amor e o processo de transição de gênero. Dessa forma, o potencial pedagógico do filme para aulas de Ciências no Ensino Fundamental se refere à possibilidade da abordagem da puberdade, e sobre como as relações familiares, sociais e escolares influenciam a vida de pessoas trans.

Figura 6 - Cartaz do filme El(a)



Fonte: Adoro Cinema.

<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-285417/>

Outro filme que poderia ser usado é “A Garota Dinamarquesa” (Figura 7) (“The Danish girl”, no original), um filme americano, lançado em 2015, dirigido por Tom Hooper e caracterizado como drama-bibliográfico, com classificação recomendada de 14 anos.

O filme é estrelado pelo ator Eddie Redmayne no papel de Lili Elbe. Nascida Einar Mogens Wegener, Lili foi a primeira pessoa de quem se tem registro a se submeter a uma cirurgia de transição de gênero. O foco do filme se concentra no seu relacionamento amoroso com a sua mulher, Gerda, e na sua descoberta enquanto mulher trans.

Embora o filme tenha recebido críticas pela escalação de um ator cisgênero para interpretar Lili Elbe, ele apresenta um potencial pedagógico para aulas de Biologia no Ensino Médio pois permite abordar a evolução da ciência e da medicina, a influência das concepções biológicas que definem o significado de mulher e a importância de representações familiares e afetivas que englobem a diversidade sexual.

Figura 7 - Cartaz do filme A Garota Dinamarquesa



Fonte: Adoro Cinema.

<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-140552/>

Este trabalho apresenta uma proposta de produto educacional no formato de sequências didáticas, utilizando como recursos pedagógicos os dois filmes mencionados acima. Através dessas sequências, espera-se que os alunos desenvolvam uma nova visão em relação à transexualidade e compreendam os desafios envolvendo as pessoas trans na sociedade e na escola. Espera-se, ainda, que aprendam a valorizar e a respeitar as diferenças, e a entender a importância de uma concepção de ser humano para além de aspectos unicamente biológicos.

4. DESENVOLVIMENTO

Conforme exposto acima, neste trabalho foram desenvolvidas duas sequências didáticas (uma para o Ensino Fundamental e uma para o Ensino Médio) visando contribuir para professores de Ciências e Biologia que buscam abordar a transexualidade em suas aulas. Essas sequências são adaptáveis de acordo com os recursos disponíveis na escola e as características de cada professor e turma. Dessa forma, elas poderão ser executadas de outro modo, desde que mantenham o enfoque na temática e utilizem os filmes “El(a)” e a “Garota Dinamarquesa”.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA I

Puberdade, Adolescência e Sexualidade
<p>Conteúdo:</p> <p>Puberdade, Adolescência e Sexualidade.</p>
<p>Habilidades da BNCC:</p> <p>(EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso.</p> <p>(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética).</p>
<p>Objetivos:</p> <p>Após a aplicação da sequência didática os alunos devem ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Reconhecer as mudanças que ocorrem na puberdade e na adolescência ocasionadas por fatores biológicos e sociais; ● Compreender a definição de sexualidade humana; ● Reconhecer a importância de respeitar a diversidade sexual e o impacto da discriminação na vida de pessoas trans.
<p>Série:</p> <p>8º ano do Ensino Fundamental.</p>

Tempo estimado:

5 tempos de aula, cada uma com 40 minutos (200 minutos).

Materiais necessários:

Quadro, caneta para quadro, projetor, computador e caixa de som, material impresso (se necessário).

Desenvolvimento:**1ª Etapa: Puberdade, Adolescência e Sexualidade - (3 tempos): 120 minutos.**

Nesta etapa será realizada uma abordagem expositiva abordando os principais aspectos biopsicossociais relacionados à puberdade, adolescência e sexualidade humana.

Para isso, será solicitado no início da primeira aula que os alunos (que se sentirem motivados a falar) falem sobre as principais mudanças que eles perceberam em suas vidas (atualmente, em comparação com a infância). Nessa etapa, os alunos poderão pensar em mudanças físicas, emocionais e sociais que possam estar vivenciando. As respostas citadas pelos alunos serão listadas no quadro pelo professor.

Após esse momento inicial, que tem por objetivo familiarizar os alunos com o tema da aula, haverá uma apresentação expositiva sobre o assunto puberdade, adolescência e sexualidade humana. Para isso, poderão ser utilizados o livro didático, e/ou o material proposto (Apêndice A), como base para a aula, e o quadro, powerpoint ou material impresso para explicitar os conteúdos. Neste momento, serão abordados a definição de puberdade e adolescência; as principais modificações que ocorrem no corpo dos adolescentes nessa etapa; a relação dessa fase com os sistemas endócrino e nervoso (caso julgue necessário, poderá ser realizada uma revisão sobre o sistema nervoso, já abordado no 6º ano do Ensino Fundamental); a definição de sexualidade e a importância do respeito à Diversidade Sexual Humana. Além disso, essa etapa poderá ser complementada abordando um dos assuntos sugestivos no material proposto (Apêndice A).

Para finalizar essa etapa, será solicitado aos alunos, como tarefa de casa, que produzam um material utilizando a técnica que preferirem e tiverem maior facilidade de expressão (texto, desenho, palavras-chave, mapa mental, tópicos, desenho/texto) para expressar o entendimento que eles tiveram sobre a aula. O material produzido pelos alunos será recolhido na próxima etapa.

2ª Etapa: Contextualização do assunto através da Exibição de trechos do Filme El(a) - (2 tempos): 80 minutos.

Nesta etapa, os discentes irão assistir a algumas cenas do filme francês El(a) para contextualizar o assunto puberdade, adolescência e sexualidade. As cenas serão previamente agrupadas em três blocos: **A descoberta da transexualidade de Juju** (cena I: 05:42 a 07:40; cena II: 13:20 a 21:10 e cena III: 25:15 a 30:00); **A puberdade e a transição de gênero de Juju** (cena I: 31:45 a 43:00; cena II: 45:30 a 50:30 e cena III: 01:02 a 01:14); **A vida nova de Juju** (cena I: 01:20 a 01:22 e cena II: 01:24 a 01:36).

Esses cortes totalizam 58 minutos.

Essas cenas foram escolhidas pois são pertinentes para o entendimento da transexualidade, abordando aspectos como a descoberta da transexualidade, a não aceitação pela família e amigos e o processo de transição de gênero, desde o bloqueio da puberdade até a composição hormonal. Além disso, são cenas que não contêm palavras pejorativas, uso de drogas ou nudez, que seriam inapropriadas para o público-alvo.

Após a finalização da apresentação das cenas de cada bloco, serão debatidos com os alunos os aspectos mais marcantes das cenas. Serão traçados paralelos com os assuntos abordados na etapa anterior, para que haja a visualização das mudanças relacionadas à puberdade, os desafios da adolescência e a descoberta da sexualidade usando como referência a personagem principal do filme: uma mulher trans.

Ao final dessa etapa os alunos irão entregar os materiais produzidos (referentes a etapa D), e em seguida será proposto que os alunos realizem uma redação em casa sobre o assunto: **A importância do respeito e o combate ao preconceito em relação às pessoas trans**. A redação será entregue posteriormente.

Após serem avaliadas, essas atividades servirão para compor a nota bimestral dos discentes e os materiais produzidos poderão ser expostos para toda a turma ou em algum espaço disponível na escola, para que a comunidade escolar também possa ter acesso às informações relacionadas a essa temática.

Avaliação:

A avaliação consistirá no engajamento e participação ativa dos alunos ao longo do desenvolvimento das etapas da sequência, e da realização do material produzido proposto na etapa I e da redação proposta na etapa II desta sequência. Essas atividades servirão para compor a nota bimestral dos alunos.

Observações:

A sequência didática proposta é possível de ser adaptada e modificada de acordo com os recursos disponíveis, perfil da turma e disponibilidade de tempo do professor para execução das atividades propostas.

Bibliografia:

ARTUSO, Alysson Ramos. **#Sou+Ciências: 8º ano** / Alysson Ramos Artuso, Angela Raimondi, Luciane Lazzarini, Vilmarise Bobato -- 1. ed. -- São Paulo: Scipione, 2022.

BAHIA. Defensoria Pública do Estado **Entendo a diversidade sexual**/ Defensoria Pública do Estado da Bahia. - 1ª. ed. Salvador: ESDEP, 24p, 2018.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Teláris Essencial: Ciências : 8º ano** / Fernando

Gewandsznajder, Helena Pacca. -- 1. ed. -- São Paulo: Ática, 2022.

Jornadas: Novos caminhos: Ciências : 8º ano / obra coletiva ; editor responsável Daniela Teves Nardi. -- 1. ed. -- São Paulo: Saraiva Educação S.A., 2022.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. **Diversidade sexual e cidadania LGBT**. 3ª ed. São Paulo: SJDC/SP, 47 p, 2018.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA II

Ciência e Arte Trans
<p>Conteúdo:</p> <p>A transexualidade na Ciência e Arte.</p>
<p>Habilidades da BNCC:</p> <p>(EM13CNT305) Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade.</p> <p>(EM13LGG303) Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões, para formular, negociar e sustentar posições, frente à análise de perspectivas distintas.</p>
<p>Objetivos:</p> <p>Após a aplicação da sequência didática os alunos devem ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Compreender aspectos relacionados à patologização de pessoas trans embasado na ciência e na medicina; ● Identificar dados sobre pessoas trans no Brasil; ● Debater sobre a visibilidade trans nas artes e o conceito de trans fake.
<p>Série:</p> <p>3º ano do Ensino Médio.</p>
<p>Tempo estimado:</p> <p>7 tempos de aula, cada uma com 40 minutos (280 minutos).</p>
<p>Materiais necessários:</p> <p>Projektor, computador, tablet (se necessário), caixa de som, material impresso.</p>

Desenvolvimento:

1ª Etapa: Sala de aula Invertida - (2 tempos): 80 minutos.

Nesta etapa os discentes deverão assistir em suas casas a cenas do filme “A garota Dinamarquesa”. As cenas serão organizadas em três blocos, intitulados **A pintura de Lili** (cena I: 10: 20 a 13: 45 e cena II: 23:00 a 33:00), **A busca por tratamento e o desafio da aceitação** (cena I: 42:00 a 51:00 e cena II: 1:13 a 1:25) e **O nascimento de Lili Elbe** (cena I: 135 a 1:50) e disponibilizadas através do Google Drive.

Após assistir à sequência de cenas os alunos deverão escrever como tarefa de casa, um texto (de 15 a 30 linhas) evidenciando a sua percepção sobre algum dos seguintes aspectos: 1. O papel de Gerda e Einar na arte; 2. A medicina e a busca pela cura de Lili; 3. A importância da afetividade na transição de Lili. Esse texto será entregue na segunda etapa da sequência e servirá de base para inserir os alunos nos assuntos relativos às próximas etapas.

2ª Etapa: Aula interdisciplinar entrelaçando Ciência e Arte - (2 tempos): 80 minutos.

Nesta etapa, os discentes irão entregar os textos produzidos por eles e irão assistir novamente às cenas disponibilizadas anteriormente. Ao longo da apresentação das cenas os professores de Biologia e Artes irão debater com os alunos os aspectos mais relevantes de cada cena, como a discrepância entre o papel do homem e da mulher na arte no século XX, o papel da ciência e da medicina como justificativas para a patologização da transexualidade no século XX e o desafio da descoberta da transexualidade nos arranjos amorosos e familiares. Dessa forma, os discentes poderão se posicionar criticamente sobre esses assuntos e os professores poderão conduzir o debate de forma respeitosa e sem a propagação de falas discriminatórias e estereotipadas.

3ª Etapa: Rotação por estações entrelaçando Ciência e Arte - (3 tempos): 120 minutos.

Nesta etapa, os professores de Biologia e Arte desenvolverão com os discentes uma rotação por estações. Serão organizadas quatro estações, com duração aproximadamente de 15 minutos cada. A turma será dividida de modo que cada estação receba um número semelhante de pessoas. Cada estação será organizada de acordo com uma temática central, mas trazendo aspectos relacionados à temática central da sequência didática. São elas:

- **Estação I:** Cientistas trans que revolucionaram a Ciência;
- **Estação II:** A visibilidade trans no Brasil;
- **Estação III:** Transfake e representatividade trans na arte;
- **Estação IV:** TRANSformando as artes.

Na estação I, os alunos irão se deparar com um texto (Apêndice B) que cita cientistas trans que revolucionaram a ciência. Os discentes deverão fazer a leitura do texto e após a leitura, deverão realizar em grupo a atividade de reflexão proposta.

Na estação II, os alunos irão se deparar com um texto (Apêndice C) que cita a visibili-

dade trans no Brasil, e traz dados que mostram avanços e desafios relacionados à população trans. Os discentes deverão realizar a leitura e a análise dos dados em grupo.

Na estação III os alunos irão assistir a um vídeo e ler duas reportagens que abordam o termo “transfake” e a representação trans na arte (Apêndice D). Após a visualização dos materiais, os discentes deverão debater sobre o tema e formular um posicionamento a respeito do assunto, como sugerido.

Na estação IV os alunos deverão ouvir uma parte do episódio 5 do podcast TRANS-formando as artes (Apêndice E), que traz a fala da artista Alice Pereira, mulher trans que utiliza as ilustrações de histórias em quadrinhos desenvolvidas por ela para relatar as vivências e desafios de ser uma mulher trans na sociedade e na arte. Os discentes deverão ouvir com atenção a fala da artista que servirá para aproximar os alunos dessa realidade, além de dar voz à artista.

Após a finalização da rotação por estações, haverá um momento de debate com os alunos, onde os mesmos deverão apresentar os posicionamentos sobre as propostas de cada estação, e os professores de Ciência e Arte poderão sintetizar os assuntos abordados.

Avaliação:

A avaliação consistirá na realização do material produzido proposto na etapa I e na participação das atividades e debates na etapa III (rotação por estações). Essas atividades servirão para compor a nota bimestral dos alunos.

Observações:

A sequência didática proposta é possível de ser adaptada e modificada de acordo com os recursos disponíveis, perfil da turma e disponibilidade de tempo do professor para execução das atividades propostas.

Bibliografia:

ABE, Stephanie Kim. Um olhar para as vivências de estudantes transgêneres nas escolas brasileiras. Disponível em: <https://saberesepraticas.cenpec.org.br/noticias/estudantes-transgêneres-nas-escolas-brasileiras>. Acesso em: 23/09/2024.

ANDREATA, Bruna; ARDITTI, Gabriela. Pessoas trans na Política Brasileira. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/sem-categoria/pessoas-trans-na-politica-brasileira/>. Acesso em: 21/08/2024.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Dossiê dos ASSASSINATOS e da violência contra pessoas Trans em 2020. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 21/08/2024.

FIGUEIREDO, Camila; ROCHA, Diego Nunes da; SILVA, Vitória Régia da. 20 anos de Visibilidade Trans no Brasil: avanços e desafios. Disponível em: <https://www.generonunero.media/reportagens/visibilidade-trans-20/>. Acesso em: 21/08/2024.

O GLOBO. Jared Leto é bombardeado por personagem transexual de ‘Clube de compras Dallas’. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/jared-letto-bombardeado-por-personagem-transexual-de-clube-de-compras-dallas-11512339>. Acesso em: 25/08/2024.

OWOSEJE, Toyin. Eddie Redmayne se arrepende de interpretar mulher trans em “A Garota Dinamarquesa”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/eddie-redmayne-se-arrepende-de-interpretar-mulher-trans-em-a-garota-dinamarquesa/>. Acesso em: 25/08/2024.

SANTOS, Teresa. Seis cientistas transgênero de destaque na academia. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/cienciaetecnologia/seis-cientistas-transgenero/>. Acesso em: 20/08/2014.

SEGALLA, Vinicius. Brasil tem 4 milhões de pessoas trans e não binárias, revela estudo da Unesp, inédito no país. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/22/brasil-tem-4-milhoes-de-pessoas-trans-e-nao-binarias-revela-estudo-da-unesp-inedito-no-pais>. Acesso em: 23/09/2024.

5. CONCLUSÃO

O ensino de Ciências e Biologia muitas vezes prioriza a memorização de conteúdos e não estabelece relações dos assuntos aprendidos em sala de aula com o cotidiano dos estudantes. A predominância de determinados conteúdos no currículo faz com que muitos assuntos não sejam abordados, ou sejam abordados através de uma visão unicamente biológica.

Como evidenciado, o assunto Diversidade Sexual é um tabu dentro das escolas, que seguem uma lógica heteronormativa e invisibilizam o que foge desse padrão enraizado na sociedade. A transexualidade é um assunto invisível nas escolas, no ensino de Ciências e Biologia, no currículo, nas diretrizes e nos livros didáticos dessas disciplinas. O tema é um desafio para professores que sentem a necessidade de abordar esse assunto, seja como forma de conscientização, visando o combate a transfobia no espaço escolar, seja para desconstruir uma visão puramente biológica da sexualidade.

A ausência de formação e/ou materiais adequados para a abordagem do assunto, faz com que professores não se sintam preparados para a abordagem. Os filmes com essa temática, representam um recurso que poderá auxiliar o professor nessa empreitada de conhecimento, possibilitando o debate e sua inserção e, utilizando os benefícios que o cinema traz para o processo de ensino e aprendizagem.

As sequências didáticas apresentadas neste trabalho, buscam proporcionar um direcionamento para professores de Ciências e Biologia inserirem temáticas relacionadas à transexualidade no Ensino Fundamental e Médio. Dessa forma, elas estimulam os alunos a compreenderem a realidade de pessoas trans e proporcionam uma nova visão dos discentes em relação a estas pessoas, contribuindo para a construção de uma visão que preze pelo respeito e equidade e não pela exclusão.

REFERÊNCIAS

ANDRES, Suélen de Souza; JAEGER, Angelita Alice. O cinema e suas interfaces com gênero, sexualidade e Educação Física. **Holos**, Natal, RN, v.1, p. 124 - 141, 2016.

AÑEZ, Fernanda. **Reflexões sobre o uso de filmes no Ensino de Biologia**. 2017. Rio Claro - SP: UNESP, 2017, 54p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Bacharel e Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2017.

BAHIA. Defensoria Pública do Estado **Entendo a diversidade sexual**/ Defensoria Pública do Estado da Bahia. - 1ª. ed. Salvador: ESDEP, 24p, 2018.

BARROS, Marcelo Diniz Monteiro de; GIRASOLE, Mariana; ZANELLA, Priscilla Guimarães. O uso do cinema como estratégia pedagógica para o ensino de ciências e de biologia: o que pensam alguns professores da região metropolitana de Belo Horizonte. **Revista práxis**, Volta Redonda, RJ, v.5, n.10, p. 97 - 115, dez.2013.

BASSOLI, Fernanda; DIAS, Érica Maria Nascimento; BASTOS, Felipe; HARA, Márcia Fernandes Pinheiro; VIEIRA, Fabiana Andrade da Costa; ARAÚJO, Thamiris Dornelas de. Entre tensões, resistência e inovação: processo de construção de uma proposta curricular de ciências da natureza. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, [S. l.], v. 16, n. nesp.1, p. 670–692, 2023.

BASTOS, Felipe. “Eu fico meio sem saber como eu vou falar assim do nada”: Currículo, Diversidade Sexual e Ensino de Biologia. *In de*: TEIXEIRA, Pedro Pinheiro; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de; Queiroz, Glória Regina Pessoa Campello. **Conteúdos Cordiais** Biologia Humanizada para uma Escola sem Mordação. 1a. edição. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. p. 34 - 47.

BATISTA, Inara Carolina da Silva; MORAES, Renan Rangel. História do Ensino de Ciências na Educação Básica no Brasil (do Império até os dias atuais). **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n.26, p.1 -3, out. 2019.

BELO HORIZONTE. Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Coordenadoria de Combate ao Racismo e todas as outras formas de Discriminação. **Glossário Antidiscriminatório: Diversidade Sexual e de Gênero**. Volume 1. Minas Gerais, 34p, 2022.

BORBA, Rodrigo Cerqueira do Nascimento; ANDRADE, Maria Carolina Pires de; SELLES, Sandra Escovedo. Ensino de Ciências e Biologia e o cenário de restauração conservadora no Brasil: inquietações e reflexões. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p. 144 - 162, mai/ago. 2019.

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade**. 2019. Monografia (Pós-graduação em Gestão de Produção Cultural) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC/SEF, 2018.

BRASIL. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: Contexto Histórico e Pressupostos Pedagógicos**. Brasília: Ministério da Educação, 2019.

CAMPOS, Maria Eduarda Castelhana de; SILVA, Fabiane Ferreira da; BONETTI, Alinne de Lima. Transexualidade na escola: Um Estudo bibliográfico sobre a produção educacional brasileira recente. **Revista Diversidade e Educação**, v. 9, n. 2, p. 199-220. 2021.

CANTARINO, Marinez Prates. **A escola e o processo de exclusão de travestis e transexuais: um estudo bibliográfico**. 2016. Governador Valadares - MG: UFMG, 2016, 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de especialização gênero e diversidade na escola da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

CASTRO, Cilmar Santos de. **O cinema de ficção científica para além das fronteiras disciplinares: construindo saberes interconectados em práticas docentes**. 2018. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em ensino de Biociências e Saúde. Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CATELLI, Rosana Elisa. O cinema educativo nos anos de 1920 e 1930: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, n.12, v.1, p. 1 - 15, jan/jun. 2005.

COSTA, Elaine Cristina Pereira; BARROS, Marcelo Diniz de. Luz, câmera, ação: o uso de filmes como estratégia para o ensino de Ciências e Biologia. **Revista práxis**, Volta Redonda, RJ, v.6, n.11, p. 81 - 93, jun.2014.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 477- 492, maio/ago. 2008.

DUARTE, Marcos Felipe Silva; REIS, Hellen José Daiane Alves. Gênero e sexualidade em livros didáticos de ciências do ensino fundamental. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís, MA, v. 4, p. 395 - 408, jul/dez. 2018.

ENCARNAÇÃO, Rosiele Oliveira da. **Utilizando o cinema como ferramentas didáticas no ensino de ciências naturais**. 2020. Santa Maria - RS: UFSM, 2020, 99p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

FERNANDES, Alícia Baracho; FERREIRA, Alessandra Pavolin Pissolati; SILVA, Luciana Aparecida Siqueira; SANTOS, Claudiene. De que corpos falam os livros didáticos de Biologia? Uma revisão integrativa no PNLD 2015 e 2018. **Anais do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade**. Campina Grande, PB, Realize Editora, 2022.

FERNANDES, Ricardo Izidoro Meira; JEREMIAS, Isabela Casagrande. **Transexualidade em jogo: a compreensão de profissionais da educação física a respeito de atletas transgêneros**

nas competições esportivas oficiais. 2019. Tubarão – SC: UNISUL, 2019, 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Educação Física da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2019.

FERNEDA, Gabriel. CNN Brasil, 2023. Conheça as bandeiras LGBTQIA+ e saiba seus significados. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/conheca-as-bandeiras-lgbtqia-e-saiba-seus-significados/#:~:text=Bandeira%20do%20Orgulho%20das%20Pes-soas%20Trans&text=As%20duas%20faixas%20azuis%20nas,neu-tro%20ou%20sem%20g%C3%AAnero%20definido>.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2120 p, 2004.

FLORIANÓPOLIS. **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022 / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos)**. – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.

FREITAS, Gabriela de. **Orientação sexual na Base Nacional Comum Curricular e no Referencial Curricular do Estado do Paraná**. 2021. Santa Helena - PR: UTFPR, 2021, 37f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2021.

GOMES, Maria Margarida; SELLES, Sandra Escovedo; LOPES, Alice Casimiro. Currículo de Ciências: estabilidade e mudanças nos livros didáticos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 477 - 492, abr/jun. 2013.

KRASILCHIK, Myriam. Reformas e Realidade o caso do ensino das ciências. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n.1, p. 85 - 93, jan/mar. 2000.

LEÔNCIO, Joana Maria Macedo. A Orientação Sexual nas Escolas a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 3, n. 12, nov, 2013.

LIMA, Tatiane. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Campo Grande, n.77, p. 70 - 87, dez. 2020.

LUZ, Pâmela Tainá Wink da. BNCC, Gênero e Sexualidade: Censura da pluralidade. **Anais da XV Jornada Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISC**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 5, n.5, p. 01 - 05, 2024.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Saberes e (in)visibilidades trans nos espaços educativos. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, MG, v.26, n.1, p. 121 - 146, jan/abr. 2019.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. Ensino de Biologia histórias e práticas em diferentes espaços educativos. 1.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

MARIANO, André Luiz Sena; FERREIRA, Leandro Borges. Relações de gênero e sexualidade em livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental: um estudo de caso em uma escola de Ilícinea-MG. **Revista Olhar de Professor**, Ponta Grossa, PR, v. 26, p. 01 - 21, 2023.

MARIN, Yonier Alexander Orozco. Repensando o corpo no ensino de Ciências e Biologia a partir de diálogos entre discursos decoloniais africanos e das travestis na América Latina. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, Sinop, MT, v. 10, n.1, p. 259 - 275, jan/jun. 2020.

MATOS, Thiago Loreto. **Para bom entendedor, uma cena basta**: uso de filmes e séries no ensino de biologia. 2018. Fortaleza - CE: UFC, 2018, 41p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Ceará, 2018.

MORÁN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n.2, p. 27 - 35, 1995.

MOREIRA, Euza Aparecida da Silva.; MARCOS, Cristina Moreira. Breve Percurso Histórico acerca da Transexualidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 593-609, ago. 2019.

MOURA, Alessia Rodrigues; ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. A escola para todes? O que dizem os estudos sobre Educação de Pessoas Trans. In *SciELO Preprints*, vol 1, 17p, 2023.

NATAL NETO, Flávio de Oliveira; MACEDO, Geovani da Silva; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. A Criminalização das Identidades Trans na Escola: Efeitos e Resistência no Espaço Escolar. **Psicologia: Ensino & Formação**, São Paulo, v.7, n.1, p. 78 - 86, jan/jul. 2016.

NUNES, Thamirys (org.). Pesquisa sobre vivências reais de crianças e adolescentes transgêneres dentro do sistema educacional brasileiro. Curitiba: IBDSEX, 2021.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de; LIMA, Edyane Silva de; MAIO, Eliane Rose. Heterossexismo e sua tenacidade nas políticas educacionais, práticas docentes e aprendizagem. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, n. 2, p.134 - 147, jul/dez. 2012.

OLIVEIRA, Maurício de. Cinema em foco, 2021. O surgimento do Cinema e seus precursores. Disponível em: <https://cinemaemfoco.com/o-surgimento-do-cinema-e-seus-precursos/>.

OLIVEIRA, Ruam. Inovações em Educação, 2022. Ao ignorar diferenças, a escola exclui pessoas trans. Disponível em: <https://porvir.org/ao-ignorar-diferencas-escola-exclui-estudantes-trans/>.

OLIVEIRA, Wanderley Gomes de. A historicidade do Movimento LGBTQIA+: Os Direitos Sexuais e a Discussão sobre Cidadania. VII Congresso Nacional de Educação: Educação como (re) Existência: mudanças, conscientização e conhecimento, Alagoas, out. 2020.

PARDINI, Bruna Africo; OLIVEIRA, Victor Hugo de. Vivenciando a transexualidade: o impacto da violência psicológica na vida das pessoas transexuais. **Psicologia - Saberes e Práticas**, São Paulo, n.1, v.1, p. 110-118, 2017.

PEDROSO, Carla Vargas; AMORIM, Mary Angela Leivas. A produção acadêmica a respeito do uso de filmes comerciais no ensino de biologia: uma análise em eventos da área. **Anais do**

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL). IV Simpósio Latino-Americano e Caribenho de Educação em Ciências do International Council of Associations for Science Education (ICASE). Londrina, PR, 2011.

PIETROCOLA, Maurício. Curiosidade e Imaginação: Os Caminhos do Conhecimento nas Ciências, nas Artes e no Ensino. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (Org.). Ensino de Ciências: Unindo a Pesquisa e a Prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. p. 119-133. Quais são as 7 artes? ABRA – Academia Brasileira de Arte, 2004.

PINHEIRO, Ester. Brasil de Fato, 2022. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>.

PINO, Aline Muras de Oliveira; SILVA, Jordan Carlos Coutinho da; OLIVEIRA, Rayane Lourenço de. Diversidade sexual: uma análise dos livros didáticos de Ciências. E-book VII CONEDU 2021, v.2, p 406 - 424, Campina Grande: Realize Editora, 2022.

PODESTÁ, Lucas Lima de. Ensaio sobre o conceito de transfobia. **Periódicus**, Revista de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades, Salvador, v.1, n.11, p. 363 - 380, mai/out. 2019.

RIBEIRO, Gabriel; FERREIRA, Rosilda Araújo; BONFIM, Crícia Tainã Cerqueira; ELOY, Caio. Sexualidade nos livros didáticos: análises e proposições baseadas em aspectos imagéticos. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, RJ, v. 12, n.1, p. 99 - 122, abr. 2019.

RODRIGUES, Geovanna Pereira; MÁRQUES, Fernanda Telles. Sexo, gênero e diversidade sexual em livros didáticos de História e de Ciências do ensino fundamental II. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, RO, v. 9, p. 01 - 23, jan/dez. 2022.

SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. A transexualidade na atualidade: Discurso científico, político e histórias de vida. **Anais do Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, Salvador, BA, 2013.

SANTOS, Camila Backes dos; COSTA, Ângelo Brandelli; CARPENEDO, Manoela; NARDI, Henrique Caetano. A diversidade sexual no ensino de Psicologia. O cinema como ferramenta de intervenção e pesquisa. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Revista Latinoamericana, n.7, p. 127 - 141, abr.2011.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Ensino de Biologia e transexualidade. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, MG, v. 26, n. 1, p. 147 - 172, jan/abr. 2019a.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Experiências de pessoas trans: Corpo, Gênero, Sexualidade e o Ensino de Biologia. In de: TEIXEIRA, Pedro Pinheiro; OLIVEIRA, Roberto Dalmo Varallo Lima de; Queiroz, Glória Regina Pessoa Campello. **Conteúdos Cordiais** Biologia Humanizada para uma Escola sem Mordaça. 1a. edição. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. p. 18 - 31b.

SANTOS, Vanessa dos Anjos dos; MARTINS, Liziane. A importância do Livro Didático. **Candombá - Revista virtual**, v. 7, n. 1, p. 20 - 33, jan/dez. 2011.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. **Diversidade sexual e cidadania LGBT**. 3ª ed. São Paulo: SJDC/SP, 47 p, 2018.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. Diversidade Sexual e de Gênero: A construção do sujeito social. **Rev. NUFEN** [online]. v.5, n.1, p. 12-25, jan/jul. 2013.

SILVA, Bruno Gomes da; BACHINI, Giuseppe; LESSA, Marco Antônio; SILVA, André Gomes da; AGUIAR, Cristian Rogério Guidotti. A importância do livro didático e tecnologias no ensino. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, CE, v.1, n.173, p. 01 - 18, 2019.

SILVA, Diana Melo. Gênero e Orientação sexual na Base Nacional Comum Curricular. **Anais do XIV Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, São Cristóvão, SE, v.14, n. 5, p. 01 - 17, set. 2020.

SILVA, Elder Luan dos Santos. Pânico moral e as questões de gênero e sexualidade na BNCC. **História, histórias**, Brasília, DF, v. 8, n.16, p. 138 - 162, jul/dez. 2020.

SILVA, Letícia de Matos da; OLIVEIRA, Carla Sant’ana de. O uso de filmes como ferramenta pedagógica no Ensino de Biologia e Ciências. **Revista Aproximação**, Guarapuava, PR, v.1, n.1, p. 51 - 72, out/dez. 2019.

SILVA, Sávina Samara Borges. Impactos da Transfobia na Exclusão de Transgêneros e Travestis. **R. Fac. Dir.**, Fortaleza, v. 40, n.2, p. 47 - 59, jul/dez. 2019.

SIMÃO, Michel Pegoraro. **Gênero e sexualidade na escola: uma análise de filmes como recurso pedagógico**. 2023. Laranjeiras do Sul - PR: UFFS, 2023, 32p. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul, 2023.

SIQUEIRA, André Boccasius. Currículo de Ciências: aspectos históricos e perspectivas atuais. **Revista Húmus**, Maranhão, n.1, p. 40 - 54, jan/abr. 2011.

SOUZA, Débora Cynthia Alves de; MELLO, Tarcilla Mariano; CAIXETA, Juliana Eugênia. Transexualidade: A invisibilidade na atuação docente em Ciências e Biologia. **Revista Ciências em foco**, Campinas, SP, v.12, n.1, p. 147 - 156, 2019.

VICENTE, Luciane da Silva. O Currículo de Ciências na Base Nacional Comum Curricular. **Cadernos de Pós-graduação**, São Paulo, v.18, n.2, p. 04 - 10, jul/dez. 2019.

VIEIRA, Kelmara Mendes; KLEIN, Leander Luiz; DENARDIN, Adriele Carine Menezes; LINKE, Denise Doná; MESQUITA, Lediane Ferreira. Os temas transversais na Base Nacional Comum Curricular: da legislação à prática. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, São Paulo, v. 32, n.65, p. 01 -21, 2022.

XAVIER, Gláucia do Carmo. Transexualidade no Ensino Médio: desafios e possibilidades. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v.5, n.1, p. 79 - 95, jan/mar. 2019.

YUS, Rafael. **Temas Transversais**: em busca de uma nova escola. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A – PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA

PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA

Sugestão de Atividade: para iniciar o debate sobre o tema, peça para os alunos expressarem oralmente as principais mudanças corporais e comportamentais que eles observam em si mesmos (atualmente em comparação com a infância). Dessa forma, os alunos poderão começar a perceber as mudanças que vêm ocorrendo na fase de vida que estão presenciando e ao final da aula relacionar tais mudanças com a puberdade.

O que é puberdade?

Puberdade é um termo que refere-se ao conjunto de mudanças que ocorrem no corpo, atreladas principalmente ao desenvolvimento das estruturas sexuais. Essas mudanças, no entanto, não são apenas corporais, mas envolvem também transformações psicológicas, emocionais e sociais.



iStock



iStock

Curiosidade: No Brasil, a legislação considera que uma pessoa é adulta a partir dos 18 anos de idade. No entanto, o tempo de duração da adolescência está relacionado também a valores culturais.

Na cultura de alguns povos indígenas brasileiros, por exemplo, um jovem com idade próxima dos 12 ou 13 anos costuma passar por um ritual de passagem de fase e já começa a desempenhar tarefas de adultos.

O que é Adolescência?

O termo adolescência refere-se ao conjunto das modificações físicas e das alterações comportamentais e emocionais que ocorrem no período entre a infância e a vida adulta. É nessa fase da vida que acontece a puberdade.

O marco inicial da adolescência está relacionado com o início da puberdade que pode iniciar entre 8 e 14 anos e terminar entre 18 e 21 anos de idade. Isso varia de uma pessoa para a outra dependendo de diversos fatores, como características genéticas e hábitos de vida, por isso é bastante comum encontrar diferenças no desenvolvimento de adolescentes da mesma idade.



Sistema Endócrino e Puberdade

O que desencadeia as mudanças da puberdade são os hormônios. Os hormônios são substâncias produzidas pelas glândulas endócrinas (órgãos responsáveis por produzir e liberar os hormônios na corrente sanguínea). As glândulas endócrinas encontram-se em diferentes regiões do corpo humano e formam o sistema endócrino.

Cada glândula endócrina pode produzir um ou mais tipos específicos de hormônios, que atuam em diferentes funções e atividades do corpo humano. Ao serem liberados na corrente sanguínea, os hormônios são transportados para todo o corpo.

Várias funções do organismo são controladas por hormônios, como por exemplo: o crescimento corporal, a eliminação ou a retenção de água no corpo, o controle dos níveis de glicose e de sais minerais no sangue, a absorção de nutrientes, a regulação do sono **e as alterações das características corporais durante a puberdade.**

Em uma região do encéfalo encontra-se o hipotálamo, que faz a integração entre o sistema endócrino e o sistema nervoso. Ele pertence ao sistema nervoso, mas também produz hormônios e, por isso, pode ser considerado parte do sistema endócrino. O hipotálamo pode inibir ou estimular a liberação de hormônios pela hipófise, localizada na mesma região do encéfalo. A hipófise é uma glândula endócrina que regula a produção de hormônios de outras glândulas.

Em relação à puberdade, merecem destaque os hormônios sexuais: estrogênio, progesterona e a testosterona. A liberação dos hormônios sexuais na puberdade acontece de acordo com uma sequência de eventos. O hipotálamo produz um hormônio que estimula a glândula hipófise; esta, por sua vez, libera hormônios que estimulam as glândulas sexuais (testículos e ovários).

Os hormônios produzidos pelos testículos e ovários desencadeiam as mudanças corporais características da puberdade. Esses aspectos, são chamados de caracteres sexuais secundários.

➡ Principais características sexuais secundárias que ocorrem na puberdade :

- **Crescimento de pelos na região pubiana, axilas e pernas:**
- **Crescimento das mamas:**
- **Aumento de gordura nos quadris.**
- **Crescimento de pelos no peito, rosto, região pubiana, axilas e pernas:**
- **Crescimento dos testículos e do pênis:**
- **Engrossamento da voz:**
- **Aumento dos músculos.**



iStock

Observação

Para a elaboração deste material optou-se pela não utilização de termos e imagens que reforcem a concepção unicamente biológica para a definição de masculino e feminino. Dessa forma, optou-se pelo não agrupamento do sistema endócrino e de características sexuais secundárias em masculino e feminino.

Sugestão de abordagem complementar

A puberdade é marcada por diversos desafios emocionais e sociais na vida dos jovens. Dessa forma, o tema da aula é um bom momento para a inserção de assuntos como a importância da auto aceitação, o cuidado com o uso de redes sociais, o consumo de álcool na adolescência, o bullying e cyberbullying na escola.

O professor poderá aproveitar a aula para debater com os alunos algum desses assuntos que julgar mais pertinente de acordo com o perfil da turma.

Para isso, segue a sugestão de estudos e pesquisas que abordam esses assuntos e poderão servir de base para tais discussões:

1. A utilização de filtros nas fotos e os danos para a autoaceitação em jovens (Disponível em: <https://exame.com/marketing/dove-aos-13-anos-84-das-meninas-ja-usam-filtros-e-os-danos-sao-imensos/>).

2. A utilização desenfreada do celular e os prejuízos ao metabolismo e desenvolvimento infantil (Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42603165>).

3. Os riscos do consumo de álcool na adolescência (Disponível em: <https://fcmsantacasaspedu.br/os-riscos-do-consumo-de-alcool-na-adolescencia/>).

4. Bullying e Cyberbullying na escola (Disponível em: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/o-que-e-bullying-e-ciberbullying/>).

Sexualidade Humana

A sexualidade é uma das esferas da vida humana que aflora durante a adolescência. Ela é entendida como um termo amplo e resultado de uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais que envolvem basicamente quatro elementos: sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero.

O **sexo biológico** está relacionado à fatores fisiológicos, genéticos e anatômicos que distinguem os seres em “machos” e “fêmeas”. Em alguns casos, no entanto, há pessoas que nascem com uma combinação diferente destes fatores, e que podem apresentar características de ambos os sexos. Essas pessoas são chamadas de Intersexos.

A **orientação sexual** refere-se à demonstração de afeto e/ou desejo sexual que uma pessoa possui por outra. Há pessoas que sentem-se atraídas por pessoas do sexo biológico oposto (heterossexuais), do mesmo sexo biológico (gays ou lésbicas), ou ambos os sexos (bissexuais).

A **identidade de gênero** corresponde à forma como o indivíduo reconhece a si mesmo em relação ao seu gênero. Existem pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer estes são chamados de cisgêneros, e pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascer, estes são chamados de transgêneros.

A **expressão de gênero** corresponde à manifestação pública da sua identidade de gênero, por meio do seu nome, da vestimenta, do corte de cabelo, dos comportamentos, da voz e/ou características corporais, e da forma como interage com as demais pessoas, podendo ou não estar relacionado com a orientação sexual da pessoa.

Podemos perceber que o ser humano é muito diverso, e por isso são representados pela Diversidade Sexual, que corresponde as infinitas formas de vivência e expressão da sexualidade e da identidade de gênero.

Embora existam diferentes possibilidades de relacionamentos, nem sempre todos esses arranjos amorosos e familiares têm o seu direito garantido. Todos os dias, milhares de pessoas sofrem diversos tipos de violência em razão da sua sexualidade.

Esse tipo de violência é crime no Brasil e acontece em casa, nas ruas e também nas escolas. Por isso, é preciso o entendimento de que a escola representa um local de desenvolvimento e fortalecimento de relações entre as pessoas, e deve ser sempre um lugar de respeito e acolhimento, entendendo que todas as pessoas devem ser respeitadas.

Sugestão de Atividade

A partir do que foi visto em aula e após a apresentação do filme El(a) foi possível perceber o quanto nós seres humanos somos diversos. No entanto, pessoas trans ainda são vítimas de diferentes tipos de manifestações de violência. Portanto informação e respeito mútuo é fundamental em todos os momentos.

Como forma de reflexão sobre o assunto realize uma redação sobre o tema: **A importância do respeito e o combate ao preconceito em relação às pessoas trans.**



iStock

Bibliografia:

ARTUSO, Alysson Ramos. #Sou+Ciências : 8º ano / Alysson Ramos Artuso, Angela Raimondi, Luciane Lazzarini, Vilmarise Bobato -- 1. ed. -- São Paulo: Scipione, 2022.

BAHIA. Defensoria Pública do Estado Entendo a diversidade sexual/ Defensoria Pública do Estado da Bahia. - 1ª. ed. Salvador: ESDEP, 24p, 2018.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. Teláris Essencial : Ciências : 8º ano / Fernando Gewandsznajder, Helena Pacca. -- 1. ed. -- São Paulo : Ática, 2022.

Jornadas: Novos caminhos : Ciências : 8º ano / obra coletiva ; editor responsável Daniela Teves Nardi. - 1. ed. -- São Paulo : Saraiva Educação S.A., 2022.

SÃO PAULO. Governo do Estado. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. Coordenação de Políticas para a Diversidade Sexual. Diversidade sexual e cidadania LGBT. 3ª ed. São Paulo: SJDC/SP, 47 p, 2018.

APÊNDICE B – CIENTISTAS TRANS QUE REVOLUCIONARAM A CIÊNCIA

Cientistas trans que revolucionaram a Ciência



Leia o texto abaixo:

Segundo Dados de uma pesquisa da Unesp, no Brasil cerca de 4 milhões de pessoas se identificam como transgêneros ou não binárias (pessoas que não se identificam nem com o gênero masculino ou feminino). Dados da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior (Andifes) do ano de 2018, mostram que de um total de 1,2 milhões de estudantes das Universidades Federais do Brasil, somente 3.379 se identificavam como transgêneros (transexuais e travestis). Esses dados mostram que menos de 1% das vagas em cursos superiores no Brasil são ocupadas por essas pessoas.

Embora a entrada e a conclusão de um curso superior por uma pessoa trans seja um caminho difícil, ele não é impossível. Vamos conhecer abaixo quatro cientistas trans, que além de ingressarem na Universidade se destacaram e/ou se destacam em suas áreas de atuação.

Alan I. Hart

Norte americano, nasceu no ano de 1890, médico, radiologista e escritor, se destacou ao utilizar o raio-x como meio de detecção para a tuberculose. Atuou em universidades como a Universidade de Stanford e a Universidade do Oregon, ambas nos EUA. Alan contribuiu para a criação e disseminação de clínicas para o tratamento precoce da tuberculose, o que ajudou a salvar inúmeras vidas. Ele era um homem transexual, ou seja, um homem que nasceu com órgãos sexuais femininos porém se identificava com o gênero masculino. Foi um dos pioneiros a realizar a transição para o gênero masculino nos Estados Unidos. Alan faleceu em 1962, e hoje é reconhecido como uma referência de cientistas trans.



Fonte: <https://legacyprojectchicago.org/person/alan-i-hart>

Ben Barres

Norte americano, nasceu no ano de 1954, biólogo, especialista em neurobiologia, onde se dedicou ao estudo das células do sistema nervoso e publicou diversos artigos em revistas científicas importantes. Barres foi professor da Universidade de Stanford, nos EUA, e trouxe contribuições importantes sobre o desenvolvimento cerebral e o entendimento de células do sistema nervoso. Foi o primeiro cientista abertamente transexual da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. Ben faleceu em 2017, mas se tornou uma inspiração para outros cientistas trans.



Fonte: <https://med.stanford.edu/news/all-news/2017/12/neuroscientist-ben-barres-dies-at-63.html>

Vivian Miranda

Brasileira, nasceu em 1986, formada em física, com doutorado e pós doutorado em Universidades dos Estados Unidos. Atualmente atua na Universidade de Stony Brook, nos EUA. Ao longo de sua trajetória, Vivian, que se identifica com uma mulher trans, participou do desenvolvimento de um satélite na Nasa e recebeu alguns prêmios importantes por sua atuação científica.



Fonte: <https://cienciahoje.org.br/artigo/uma-vida-dois-sonhos/>

Jaqueline Gomes de Jesus

Brasileira, nasceu em 1987, é psicóloga, ativista, pesquisadora e escritora. Professora de diversas instituições renomadas no Estado do Rio de Janeiro, como o IFRJ, Fiocruz e UFRRJ. Atuou também em órgãos do governo brasileiro, incluindo o Ministério do Planejamento, assessoria técnica da Presidência da República e Ministério da Justiça. Em 2017, recebeu a Medalha Chiquinha Gonzaga da Câmara Municipal do Rio de Janeiro devido a sua contribuição no debate sobre relações raciais, gênero, sexualidades e direitos humanos. É hoje uma das grandes cientistas trans brasileira.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaqueline_Gomes_de_Jesus

Fonte:

SANTOS, Teresa. Seis cientistas transgênero de destaque na academia. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/cienciaetecnologia/seis-cientistas-transgenero/>.

SEGALLA, Vinicius. Brasil tem 4 milhões de pessoas trans e não binárias, revela estudo da Unesp, inédito no país. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/22/brasil-tem-4-milhoes-de-pessoas-trans-e-nao-binarias-revela-estudo-da-unesp-inedito-no-pais>.

Para refletir:

No texto acima vocês tiveram contato com alguns cientistas trans dos EUA e do Brasil, que tiveram e tem grande destaque em suas áreas no meio acadêmico. No entanto, os dados mostram que o número de pessoas trans nas Universidades no Brasil ainda é baixo e corresponde a menos de 1%.

Em uma folha separada, respondam em poucas palavras, o que na opinião do grupo poderia ser feito para que mais pessoas trans possam ter acesso ao ensino superior no Brasil. Ao final da rotação por estações o grupo irá apresentar e debater a resposta com a turma.

APÊNDICE C – A VISIBILIDADE TRANS NO BRASIL

A visibilidade trans no Brasil



Leia o texto abaixo:

No dia 29 de janeiro de 2004, aproximadamente 30 mulheres trans e travestis ocuparam o Congresso Nacional para o lançamento da campanha “Travesti e Respeito”, criada pelo Ministério da Saúde, no Governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A campanha tinha foco no combate à discriminação e na busca por acesso a serviços de saúde e cuidados para a população trans. Neste ano esse movimento que marca o início do movimento pela Visibilidade Trans no Brasil completou 20 anos. Ao longo desses anos, tiveram avanços mas ainda restam desafios.

Vamos ver o que mudou de lá pra cá? (Vocês devem analisar cada gráfico e escrever em uma folha separada a análise que fizeram dos três cenários. Após o final da rotação por estações essas informações serão debatidas com toda a turma).

I. A segurança de pessoas trans no Brasil

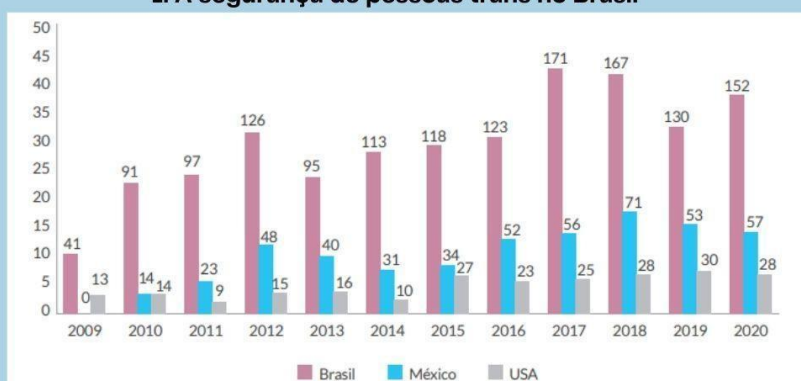


Gráfico representativo do número de assassinatos de pessoas trans entre os anos de 2009 e 2020 no Brasil, México e USA.

Fonte: Dossiê dos ASSASSINATOS e da violência contra pessoas Trans em 2020.

II. O direito pelo uso do nome social

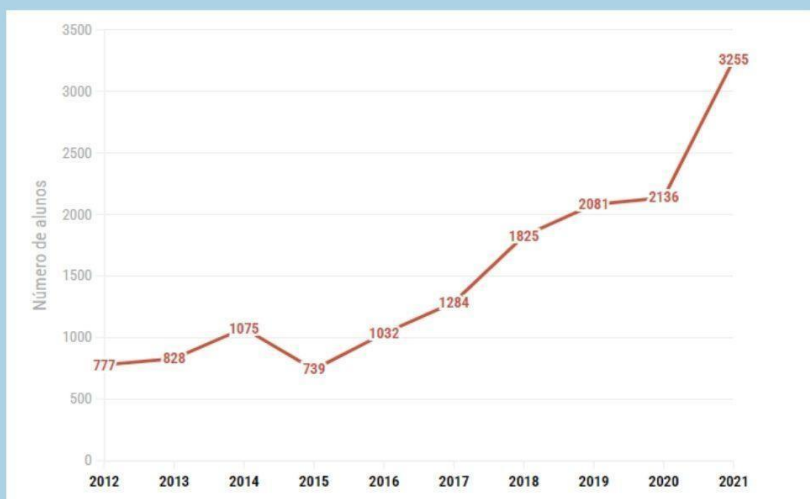
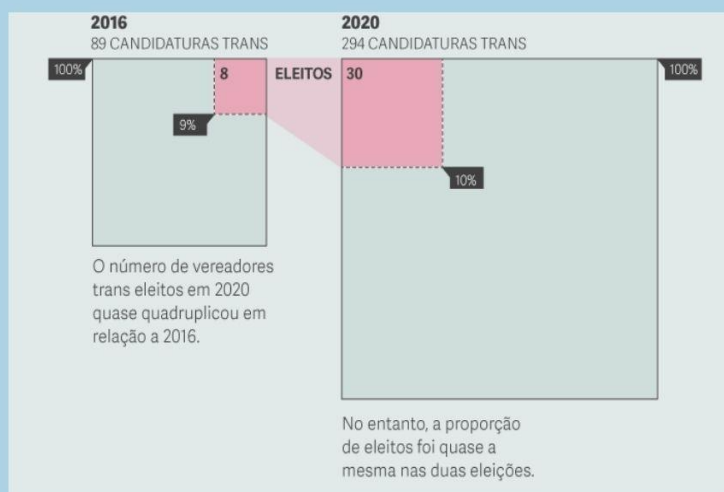


Gráfico representativo do uso do nome social em documentos escolares em escolas públicas entre os anos de 2012 e 2021. O uso do nome social é um direito garantido desde o ano de 2004.

Fonte:
<https://www.generonumero.media/reportagens/visibilidade-trans-20/>

III. A representatividade trans na política



Gráficos representativos do número de candidatos trans e eleitos para o cargo de vereador no Brasil nos anos de 2016 e 2020.

Fonte:
<https://www.generonumero.media/reportagens/visibilidade-trans-20/>

Fonte:

ABE, Stephanie Kim. Um olhar para as vivências de estudantes transgêneros nas escolas brasileiras. Disponível em: <https://saberespraticas.cenpec.org.br/noticias/estudantes-transgeneres-nas-escolas-brasileiras>.

ANDREATTA, Bruna; ARDITTI, Gabriela. Pessoas trans na Política Brasileira. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/sem-categoria/pessoas-trans-na-politica-brasileira/>.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Dossiê dos ASSASSINATOS e da violência contra pessoas Trans em 2020. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>.

FIGUEIREDO, Camila; ROCHA, Diego Nunes da; SILVA, Vitória Régia da. 20 anos de Visibilidade Trans no Brasil: avanços e desafios. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/visibilidade-trans-20/>.

APÊNDICE D – TRANSFAKE E REPRESENTATIVIDADE TRANS

Transfake e a representatividade trans



Assista o vídeo abaixo:



O vídeo também pode ser assistido através da leitura do QR code abaixo:



Leia as reportagens abaixo:

Jared Leto é bombardeado por personagem transexual de 'Clube de compras Dallas'

Ator foi vaiado durante o Festival de Cinema de Santa Barbara, na Califórnia

O Globo
05/02/2014 - 15:25 / Atualizado em 05/02/2014 - 15:50

A reportagem também pode ser acessada através da leitura do QR code abaixo:



Eddie Redmayne se arrepende de interpretar mulher trans em "A Garota Dinamarquesa"

Na época do lançamento, críticos afirmaram que o papel deveria ter sido atribuído a um ator trans. Questionado, ele concorda e diz que não aceitaria o papel hoje

Tovyn Owoseje, da CNN*
22/11/2021 às 18:20 | Atualizado 23/11/2021 às 09:58

A reportagem também pode ser acessada através da leitura do QR code abaixo:



Após assistirem o vídeo e realizarem a leitura das reportagens, vocês puderam compreender um pouco sobre o que significa o termo transfake no universo da arte, em destaque aqui representada pelo cinema. Dois casos emblemáticos envolvendo esse termo, correspondem aos atores Jared Leto e Eddie Redmayne, ambos cisgêneros, mas que interpretaram personagens trans em filmes. O ator Jared Leto ganhou o Oscar de melhor ator coadjuvante em 2014 por tal personagem. Ao ser confrontado, Jared Leto não julga ser errado o mesmo ter interpretado uma mulher trans no cinema, enquanto o ator Eddie Redmayne, diz se arrependido de ter aceito o papel e que hoje o mesmo personagem deveria ser direcionado à uma pessoa trans.

Esse tema é bastante polêmico no universo das artes, e agora chegou a vez de vocês debaterem. Em grupo vocês devem se posicionar a respeito da seguinte questão: **“O que vocês acham de atores cisgênero interpretando pessoas trans no cinema?”** Ao final da rotação por estações o grupo irá apresentar e debater o posicionamento com a turma (lembrando que não há resposta correta ou errada, o objetivo da dinâmica é pensar a respeito do tema).

APÊNDICE E – TRANSFORMANDO AS ARTES

TRANSformando as artes



Ouçã o podcast abaixo (Entre os minutos 09:50 e 18:00)



Episódio de podcast
TRANSformando as Artes - EP 5 - Alice Pereira
retrata em quadrinhos vivências sob o olhar trans
 Radioagência Nacional Podcasts

O podcast acima traz a fala da artista Alice Pereira, mulher trans que utiliza a arte, especialmente as ilustrações de histórias em quadrinhos para relatar as suas vivências enquanto mulher trans, além de apresentar essa realidade para a sociedade. Escutem com atenção o que Alice tem a dizer sobre a presença e os desafios de ser uma mulher trans no universo da arte. Esse podcast ajudará vocês a conhecerem mais um pouco dessa realidade no Brasil, além de dar voz à artista.



Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-01/alice-pereira-compartilha-em-quadrinhos-pequenas-felicidades-trans>